



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS (BACHARELADO)

MARIANA FARIAS ROMEIRA

**O Futuro das Línguas no Brasil: Uma análise da Seção Brasileira do Atlas
UNESCO das Línguas do Mundo e da Lista de Línguas Brasileiras**

Florianópolis

2024

Mariana Farias Romeira

**O Futuro das Línguas no Brasil: Uma análise da Seção Brasileira do Atlas
UNESCO das Línguas do Mundo e da Lista de Línguas Brasileiras**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas do Centro ou Campus Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador(a): Prof. Dr. Gilvan Muller de Oliveira

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica para trabalhos acadêmicos

Romeira, Mariana

O Futuro das Línguas no Brasil: :Uma análise da Seção Brasileira do Atlas UNESCO das Línguas do Mundo e da Lista de Línguas Brasileiras / Mariana Romeira ; orientador, Gilvan Oliveira, 2024.

60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua Portuguesa, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Portuguesa. 2. línguas brasileiras. 3. futuro das línguas. 4. atlas UNESCO. 5. políticas linguísticas. I. Oliveira, Gilvan. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - Língua Portuguesa. III. Título.

Mariana Farias Romeira

O Futuro das Línguas no Brasil: Uma análise da Seção Brasileira do Atlas UNESCO das Línguas do Mundo e da Lista de Línguas Brasileiras

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas.

Florianópolis, 03 de dezembro de 2024.

Insira neste espaço
a assinatura

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Insira neste espaço
a assinatura

Prof. Dr. Gilvan Muller de Oliveira
Orientador

Insira neste espaço
a assinatura

Prof.(a) Dr. (a) Maria Inez Probst Lucena
Universidade Federal de Santa Catarina

Insira neste espaço
a assinatura

Prof.(a) Dr. (a) Rosângela Morello
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2024

Ao meu dindo, André. Que em nosso breve tempo juntos me ensinou a andar de patins, jogar boliche, pular ondas na praia, escutar Tim Maia e, mais do que isso, que a vida é curta e deve ser vivida a cada segundo. Te amo para sempre!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus avós, amores da minha vida. A minha amada avó, Maria Lúcia, por ter me ensinado a ler e escrever, e tantas coisas mais da vida, mas principalmente a ter fé. Ao meu querido avô, João Carlos, por ter me presenteado com meu primeiro livro e me arrancar as risadas mais sinceras. A minha mãe, Carine, por sempre priorizar meus estudos e me garantir uma educação maravilhosa, e também ao Jackson, agradeço aos dois por me darem a certeza que tenho força para enfrentar as tempestades da vida. Agradeço ao meu tio Henrique, por me mostrar sempre o lado divertido das coisas, a sua alegria é contagiante meu tio Ique. E agradeço também a minha dinda, Koka, por ter continuado o papel do meu dindo após sua passagem, não poderia pedir por uma madrinha melhor nessa vida.

Aos meus queridos amigos e amigas de tantos anos e de tantos meios diferentes, por permanecerem ao meu lado durante esses anos de graduação, aos bares, festas, passeios e horas de estudos e preocupação com o futuro, que no final resultaram em risadas e conversas boas. Em especial agradeço duas dessas minhas amigas queridas, Yasmin, que está comigo desde que me entendo por gente, a minha irmã de outra mãe. E também a minha xará, Mariana, que me entende como ninguém e me apoia em todos meus sonhos.

Aos meus amigos, professores e colegas do melhor estágio que eu poderia ter feito na graduação, Laboratório de Vibrações e Acústica, agradeço pela oportunidade de crescer como profissional e, principalmente, como pessoa durante quase três anos. E claro, agradeço por estarem ao meu lado durante tantos momentos felizes e me proporcionarem memórias que nunca esquecerei. Em especial, Emanuela, Joanna, Miguel, Racquel e, claro, meu melhor amigo para tudo e tantas coisas mais, Nicolás, por estarem do meu lado nesse ano intenso e conturbado, e me mostrarem um caminho leve e feliz em meio ao caos. De maneira geral, aos que não foram citados, senão eu usaria mais de dez páginas, mas que sabem sua importância, obrigada também meus queridos amigos.

Também agradeço aos amigos que o curso de Letras me proporcionou, em especial à Aimê, Lia, Manu e Rian. As longas aulas, trabalhos e seminários eram muito mais divertidos com as nossas risadas e conversas, obrigada por esses mais de três anos de graduação juntos.

Agradeço também ao meu orientador, Prof. Gilvan Muller de Oliveira, pela oportunidade de trabalhar em uma pesquisa tão rica e importante quanto o Atlas e, claro, na pesquisa das Lista de Línguas Brasileiras. Será sem dúvidas uma das minhas memórias mais importantes da graduação.

Também agradeço aos meus professores de português e literatura da escola, sem eles eu não estaria finalizando uma faculdade, nem teria as tantas oportunidades que tive graças a educação. Em especial, agradeço ao Professor Miguel dos Anjos, que durante os últimos anos da escola me apresentou em suas maravilhosas aulas de literatura nomes como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Graciliano Ramos e tantos outros gigantes brasileiros e que, por fim, me mostrou que meu hobby favorito poderia se tornar uma profissão.

Em destaque final, mas nunca menos importante, agradeço a Deus, aos meus santos e aqueles que eu posso não ver, mas sinto que me guiam e me protegem a cada passo dessa vida.

“[...] porque é diferente. Eu entendo inglês mas eu não sinto inglês, sabe? Se você diz ‘*mango tree*’, em inglês é só uma árvore. Em português, ‘**Mangueira**’, me lembra minha mãe, a sensação... é diferente”
(Fernando Meirelles)

RESUMO

O presente trabalho busca analisar o cenário atual das línguas no Brasil e no mundo, em especial no que se diz respeito à preservação, proteção e promoção de línguas. Para realizar tal estudo, iremos abordar o contexto linguístico atual, seus desafios e perspectivas através de uma análise do passado, presente e possível futuro das línguas no contexto global e nacional. Para isso, iremos estudar o papel da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) e sua pesquisa para o desenvolvimento do antigo Atlas das Línguas de Perigo e para o novo Atlas das Línguas do Mundo (WAL), e a influência que o projeto possui para a promoção de línguas mundialmente. Ademais, também será abordado como está sendo realizado o trabalho de pesquisa das línguas brasileiras para a formulação da Seção Brasileira do WAL no Brasil, e como ela desencadeou uma segunda pesquisa para a formulação de uma “Lista Geral das Línguas Brasileiras”. O trabalho então irá trazer uma análise, por meio dessas questões, a respeito do futuro das línguas no Brasil e no mundo e qual caminho podemos trazer, como auxílio de plataformas digitais, para fugir da possível extinção de centenas de línguas.

Palavras-chave: línguas brasileiras; futuro das línguas; atlas UNESCO; políticas linguísticas; plataformalização; digitalização.

ABSTRACT

This study aims to analyze the current state of languages in Brazil and worldwide, with a particular focus on the preservation, protection, and promotion of languages. To conduct this research, we will address the current linguistic context, its challenges, and perspectives through an analysis of the past, present, and possible future of languages in both global and national contexts. For this purpose, we will examine the role of UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) and its research in the development of the former Atlas of Endangered Languages and the new World Atlas of Languages (WAL), as well as the project's influence on the global promotion of languages. Additionally, the study will cover the ongoing research efforts on Brazilian languages for the formulation of the Brazilian Section of the WAL, and how this has led to a second research project aimed at creating a "General List of Brazilian Languages." Through these questions, this work will present an analysis of the future of languages in Brazil and the world, and explore possible pathways, with the aid of digital platforms, to avoid the potential extinction of hundreds of languages.

Keywords: Brazilian languages; future of languages; UNESCO atlas; language policies; platformization; digitalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alunos Antoinette Sithole e Mbuyisa Makhubu	24
Figura 2 - Mapa Linguístico da parte Leste da América do Sul	33
Figura 3 - Lista das Línguas em Perigo da parte Leste da América do Sul	33
Figura 4 - Página de Línguas do Site Oficial do WAL	37
Figura 5 - Exemplo de Pergunta Atlas UNESCO (Status da Língua)	40
Figura 6 - Primeiras Línguas Brasileiras presentes na Lista do Ethnologue	47
Figura 7 - Primeiras Línguas Brasileiras presentes na Lista do IBGE (2010)	48
Figura 8 - Primeiras Línguas Brasileiras presentes na Lista de Aryon Rodrigues	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O CENÁRIO LINGUÍSTICO GLOBAL	19
1.1 REPRESSÃO LINGUÍSTICA NA HISTÓRIA: PASSADO E PRESENTE (E FUTURO?)	20
1.2 O PAPEL DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS	25
2 O ATLAS UNESCO DAS LÍNGUAS EM PERIGO	28
2.1 SOBRE O ATLAS: PUBLICAÇÕES, CONTEÚDO E ACESSO	29
3 O ATLAS UNESCO DAS LÍNGUAS DO MUNDO	35
3.1 O NOVO ATLAS: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS, INFORMAÇÕES E OBJETIVO	36
4 ATLAS DO BRASIL E A LISTA GERAL DAS LÍNGUAS BRASILEIRAS	41
4.1 PESQUISA E ELABORAÇÃO DO ATLAS NO BRASIL	42
4.2 LISTA DAS LÍNGUAS BRASILEIRAS	45
4.3 UMA BREVE ANÁLISE DA LISTA	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

Segundo Sanchez (2019), considerando-se o recente cenário global a respeito das línguas, o multilinguismo significa mais da exceção para a sociedade, e sim da regra. Certamente, ao longo dos últimos anos os avanços tecnológicos e rápido acesso à informação fez com que nós como indivíduos e sociedade nos tornemos cada vez mais próximos, principalmente quando relacionado aos meios digitais. Assim, tais avanços trouxeram, conseqüentemente, uma maior necessidade de comunicação entre as pessoas e, com isso, saber se expressar em mais de uma língua pode ser uma das ferramentas mais valiosas em tempos modernos.

Entretanto, a caminhada feita para chegarmos a esse ponto, em que a existência de diversas línguas em um único espaço não é mais vista com maus olhos, principalmente no que diz a respeito às línguas nativas, foi marcado por inúmeros momentos de repressão linguística na história mundial. Dessa maneira, atualmente com mais de 8000 línguas ativas (UNESCO, 2024) entre os 193 países reconhecidos pela ONU (Organização das Nações Unidas), pode-se dizer que vivemos em um mundo guiado pelo multilinguismo.

Por esse viés, por mais que o uso de diversas línguas em um único espaço não seja novidade, sendo uma das práticas mais antigas da sociedade, os meios digitais tornaram o contato entre diferentes línguas ainda mais fácil e rápido.

As redes sociais, por exemplo, são um dos meios que mais propaga a diversidade linguística nos dias atuais, com inúmeras línguas ocupando um único espaço simultaneamente através de comentários, postagens, chats, entre muitos portais de comunicação online. Desse modo, o Google anunciou no dia 27 de junho de 2024 a adição de mais de 110 línguas no Google Tradutor, “sua maior expansão até hoje”, como a própria empresa afirma, chegando em um total de 243 línguas disponíveis para tradução (Google, 2024). O número de línguas adicionadas na, atualmente, mais famosa plataforma de tradução do mundo é notavelmente impressionante. Porém, quando comparamos esse número com os fornecidos pela UNESCO, indicando mais de 8000 línguas ativas, surge o questionamento: será que realmente temos inclusão no meio digital? Ademais, vamos pensar um pouco mais adiante pois, para que a língua chegue no meio digital, é necessário que ela ocupe espaços fora dele. Como em um mundo onde 8000 línguas existem, menos de 300 são disponibilizadas pelo Google Tradutor? Desse modo, será que as línguas

minoritárias realmente estão tendo voz e espaço na sociedade fora do mundo digital? Ademais, como está o trabalho para preservação, proteção e revitalização dessas línguas?

A verdade é que há décadas diversos países ao redor do globo correm contra o tempo em uma longa e desafiadora luta para a preservação de milhares de línguas que, a cada ano, ficam mais próximas da extinção e desaparecem por completo.

Diante desse cenário, ainda em 1996, a UNESCO publicou a primeira edição do “Atlas UNESCO das Línguas em Perigo”, com o objetivo de recolher dados a respeito das línguas faladas ao redor do globo e ao mesmo tempo conscientizar as grandes potências sobre a situação alarmante das línguas. A pesquisa, que também se tornou uma importante ferramenta informativa a respeito das possíveis línguas em extinção, acabou trazendo um alerta sobre a situação mundial e, conseqüentemente, sobre o descaso dos governos com a cultura e linguagem minoritária de seus países.

Assim, já em sua primeira publicação o Atlas expôs ao mundo a preocupante realidade do número de línguas em perigo. Iremos explorar tal questão ao longo do trabalho, visando compreender melhor o contexto e informações publicadas nas primeiras edições do Atlas UNESCO. Ademais, com sua última edição lançada em 2010, o Atlas das Línguas em perigo se tornou então “Atlas UNESCO das Línguas do Mundo” (2022).

O projeto, ainda no período de pesquisa e agora não abrangendo apenas as línguas em perigo de extinção, surge com o intuito de listar todas as línguas ativas ao redor do planeta, sendo um intenso e extenso trabalho de milhares de pesquisadores, procurando explorar a fundo o multilinguismo nos mais diversos e vastos territórios, mas especialmente visando um espaço das línguas no meio digital. O mesmo também será observado a partir do terceiro capítulo do trabalho em questão, trazendo suas questões, diferenças, objetivos e perspectivas.

Por esse viés, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) se apresenta como uma das sedes para a Cátedra da UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo, que também emerge como uma parte importante para a realização de tal pesquisa e para este trabalho. Assim, durante o primeiro semestre de 2024, a disciplina de Política Linguística (Vespertino) da Universidade, oferecida então pelo docente Dr. Gilvan Muller de Oliveira, trouxe para os estudantes do curso de Letras a desafiadora tarefa de responder o questionário Atlas a respeito

de uma das línguas com menor número de falantes em território nacional, a partir de uma lista disponibilizada pelo professor. O trabalho, realizado durante semanas, colocou os alunos em contato direto com línguas em perigo de extinção, que lentamente desaparecem da cultura e história brasileira.

A oportunidade de ter esse contato direto com uma língua indígena, investigando seus poucos falantes, localidade, história, e tudo mais que se era possível descobrir graças à internet, inevitavelmente aproxima o pesquisador para a luta que a própria comunidade nativa traça contra o tempo para a preservação e legado em sua nação. O terceiro capítulo deste trabalho também mostrará então um ponto de vista a respeito do trabalho realizado durante o semestre e, principalmente, como o mesmo evidenciou a constante e cansativa falha do governo e políticas públicas com suas populações indígenas. Assim, será evidenciado como essa experiência trouxe à discente, e possivelmente aos demais pesquisadores, um sentimento de realização ao ser uma parte, mesmo que pequena, de uma das pesquisas mais vastas a respeito das línguas de nosso país, mas também fez nascer um sentimento de grande preocupação conforme mais afundo se adentra no cenário real que as línguas brasileiras enfrentam.

Ainda no que tange a pesquisa de línguas no território nacional, o envolvimento com o projeto Atlas UNESCO das Línguas do Mundo, propiciou também o início de uma pesquisa que visava entender o histórico de listas sobre as línguas brasileiras. Desse modo, o presente trabalho também conta com uma pesquisa, ainda em andamento, realizada pela discente e demais pesquisadores e estudantes, com o objetivo de criar uma “Lista Geral das Línguas Brasileiras” a partir de trabalhos já realizados posteriormente, que também buscavam documentar tal fato, juntamente com a atividade realizada no projeto Atlas. A lista reúne atualmente dados fornecidos por grandes pesquisadores, como Aryon Rodrigues, e instituições conhecidas, como IBGE e Ethnologue, além de dados coletados através dos questionários do Atlas Atual, integrando o número de usuários das línguas brasileiras ativas. O objetivo principal da pesquisa, além de trazer tais dados de forma organizada e pública, é de observar o processo de apagamento linguístico que o país sofre há séculos.

Segundo dados do Instituto de Estudos da Linguagem (2016) da Universidade Estadual de Campinas, quase 90% das línguas indígenas brasileiras foram extintas desde a chegada dos portugueses. O alerta para a informação fica ainda mais grave

quando se pensa que a perda de uma língua não se refere apenas ao espectro da fala, escrita ou comunicação propriamente dita, mas sobre toda uma cultura, história, significado e tradição de povos milhares, base para a compreensão da nossa própria história e papel como sociedade. Desse modo, é necessário questionar o quanto ainda precisamos perder para que existam políticas linguísticas que de fato participem e atuem ativamente para a preservação das línguas em um mundo cada vez mais multilíngue.

Portanto, no que tange o futuro da linguagem, esse trabalho propõe uma análise a respeito do cenário atual das línguas, tanto no contexto global quanto no contexto nacional, a partir da atividade realizada na disciplina de Política Linguística, assim como na pesquisa realizada no próprio projeto de extensão do ATLAS Unesco das Línguas do Mundo. Iremos explorar, principalmente, o papel do Atlas na documentação e preservação das línguas indígenas no país, assim como a falta de acessibilidade dessas línguas minoritárias no meio digital, trazendo uma análise a respeito das expectativas diante do futuro de línguas brasileiras no mundo moderno.

1. O CENÁRIO LINGUÍSTICO GLOBAL

Desde o início do novo milênio, há mais de duas décadas, os avanços tecnológicos vêm se mostrando cada vez mais rápidos e impactantes na sociedade, principalmente quando relacionados à internet e ao meio digital. O que esse movimento vêm nos mostrando ao longo dos últimos anos é a caminhada crescente da importância e espaço que o mundo digital e, sobretudo, as redes e mídias sociais passaram a ocupar no processo de globalização.

Fato é que tal processo já era observado e esperado por pesquisadores e estudiosos da área ainda nos anos noventa, prevendo que a internet seria uma das principais ferramentas de comunicação do mundo moderno (SOARES, 1997). É claro, um espaço tão amplo como o meio digital é o cenário perfeito para que a globalização se expandisse ainda mais mundialmente, pois onde há comunicação também há troca de informações, ideias, políticas, culturas, línguas, etc. Por esse viés, para entendermos como se encontra o cenário linguístico atual e o papel das línguas no contexto global, precisamos entender também o papel da comunicação nos dias atuais.

A realidade é que, em um curto espaço de tempo, a sociedade precisou se adaptar muito rapidamente às mudanças que o meio digital trouxe para a vida real. Entre o final da década de oitenta e o início dos anos de 2000, fomos do lançamento dos primeiros modelos de aparelhos celulares para o público, os conhecidos celulares “tijolão”, para o lançamento de pequenos relógios digitais capazes de realizar ligações, enviar mensagens, produzir mídias, guardar e processar informações pessoais, etc (SANTOS; BORGES; RODRIGUES; SOUZA, 2019).

O que antes se distribuía em três ou quatro aparelhos, além de papéis e documentos avulsos, agora se concentra em um único local, isso em menos de quarenta anos de diferença. É claro, além disso, uma das mudanças mais impactantes que as tecnologias digitais trouxeram à sociedade é algo que existe apenas no mundo digital, mas acabou sendo uma das mais relevantes e influentes no mundo real, que são as plataformas digitais (Ordonez, 2022).

As possibilidades de comunicação e interação que esses ambientes possibilitam para seus usuários são infinitas, ainda sendo descobertas e em constante mudança, e a cada ano aumentando ainda mais os meios de compartilhamento, criação, consumo e qualquer que for a necessidade do usuário.

Desse modo, assim como fez ao longo da história em um ambiente ainda desconhecido, o ser humano utilizou de sua incrível capacidade de adaptação para se inserir nesse novo meio, e assim foi migrando para o mundo digital ao longo das últimas décadas, de uma maneira que em dias atuais é quase impossível imaginar viver sem o uso mínimo da internet. Entre essas adaptações, deve-se destacar a ferramenta primordial para a troca de informações entre esses indivíduos e que, conseqüentemente, também sentiria as mudanças desse novo mundo virtual, que é a linguagem.

Para Galli (2005), o que pode-se observar ao longo dos anos é uma caminhada da sociedade para o que está sendo conhecida como a era da comunicação virtual, justamente por conta do desenvolvimento de novas tecnologias que nos coloca cada vez mais inseridos no meio digital e em constante interação com outros indivíduos espalhados pelo planeta, conversando simultaneamente entre si através de posts, comentários e chats online, considerando que isso ocorre em apenas uma das centenas plataformas virtuais.

Portanto, ainda neste primeiro capítulo vamos explorar um pouco mais sobre as línguas no meio digital e a diversidade linguística no Brasil e no mundo. Para isso, além de entendermos sobre o nosso presente também temos que olhar um pouco para o passado, principalmente no que se diz respeito à repressão linguística na sociedade, a grande causa para o desaparecimento de milhares de línguas ao longo da história.

1.1 REPRESSÃO LINGUÍSTICA NA HISTÓRIA: PASSADO E PRESENTE (E FUTURO?)

Durante os séculos XVIII e XIX, diversas nações ao redor do mundo foram marcadas na história por suas revoluções políticas, principalmente entre os países europeus como, por exemplo, na França. Nesse âmbito, também nascia no mundo um dos movimentos políticos mais conhecidos e potentes da sociedade, o nacionalismo. Tal movimento ficou marcado como um dos mais potentes e fortes da história, tanto de forma positiva quanto negativa, trazendo ideologias que colocavam as próprias nações acima de tudo e, principalmente, acima das outras (GEARY, 2022).

Claro que isso pode não trazer surpresa em um primeiro olhar, visto que todo o movimento colonial, ocorrido alguns séculos antes, tinha justamente a superioridade entre outros grupos como principal lema, que causou a repressão de diversas comunidades nativas ao redor do globo por séculos. No entanto, de acordo com Theimer (1977) foi a partir do século XIX que realmente nasceu entre as grandes nações o “sentimento nacional”, isto é, uma supervalorização das raízes nacionais dos estados-nações desde sua política, valores e princípios, até suas culturas e costumes.

Porém, nesse âmbito do nacionalismo, da mesma forma que nações europeias lutavam pela independência e revoluções sociais de seus estados-nações e todos os aspectos que tal luta carregava, ainda dentro desses grupos emergiram as populações colonizadas e minoritárias, que também utilizam da oportunidade para encontrarem um espaço por sua própria independência e valores culturais.

Tais grupos eram, em sua maioria, povos nativos vindos da América Latina e Continente Africano, que durante séculos foram escravizados, violentados e forçados a abandonarem suas culturas, que rapidamente desapareceram durante o domínio europeu. Conseqüentemente, assim como ocorrido em todos os outros momentos da luta minoritária até então, e o que veremos ainda presente nos dias atuais, a tentativa dessas comunidades reprimidas de ocuparem espaços sociais com suas tradições e costumes desencadeou numa resposta já conhecida e esperada por parte dos colonizadores: a violência (OLIVEIRA, 2024).

Com isso, mais uma vez na história, grupos oprimidos passaram novamente pelo doloroso processo de repressão e violência, atingindo assim aspectos culturais de povos milenares de forma ainda mais enfática, visto que durante esse período o discurso nacionalista dominava fortemente os estados-nações europeus, resultando em ataques ainda mais agressivos na luta pela preservação dos costumes e cultura de povos dominados. Além disso, esses ataques permaneceram por longos anos não apenas nos territórios europeus mas também nos países dominados, principalmente africanos e latino-americanos, afetando de forma direta um dos principais pontos do trabalho em questão: a diversidade linguística (SILVA, 2009).

Tratando sobre o fato em questão, é importante enfatizar que, como já se sabe, esse pensamento e resposta aos grupos minoritários não nasceu durante o século XIX, e sim muitos séculos antes e afetando diversos períodos na história da humanidade. No entanto, destacar sobre esse momento específico na história é de

grande importância visto que o nacionalismo trouxe novos sentimentos e propósitos às populações europeias naquele momento. Foi durante o período nacionalista que lemas como “Uma língua, um Estado, uma nação” tornaram-se grandes clássicos da época, e que traduzem exatamente o que o movimento desejava transmitir à sociedade, a visão de uma nação acima de tudo.

Dessa forma, para que o Estado nacional fosse construído com os valores determinados como “corretos” pela classe dominante, foi necessário que centenas de línguas e culturas fossem apagadas de forma estratégica da história (LIMA, 2022), o que hoje conhecemos como repressão linguística.

Em vista disso, avançando um pouco mais na história, passamos a analisar um cenário do século XX, anos após a ascensão da era nacionalista no contexto mundial. Como apontado anteriormente, essa forte onda de violência cultural iniciada pelo nacionalismo seguiu sua caminhada pelos séculos seguintes, que continuam marcados por algumas ideias que o movimento clamou, mesmo após sua baixa conforme os países ganham independência e constituições políticas.

Assim, trataremos agora de um dos casos mais recentes e marcantes de como a repressão linguística e, conseqüentemente, políticas linguísticas, afetam os mais amplos espaços sociais. Vamos falar um pouco de um dos momentos mais marcantes do Regime do Apartheid, o massacre ocorrido em junho de 1976, conhecido mundialmente como “Levante de Soweto”.

Primeiramente, contextualizando de forma breve o cenário mundial da época, ainda em meados da década de 70 prevalecia em diversos países africanos o regime político de segregação racial que impôs privilégios à pessoas brancas, ainda que minoria naquele espaço, sobre grupos de outras etnias, conhecido mundialmente como Regime Apartheid.

O regime foi implementado na África do Sul, país onde ocorreu o massacre em questão, logo após o fim da segunda guerra mundial, em 1948, ficando quase meio século em uso pela legislação. Durante esse período, a população não branca do país passou por inúmeras formas de repressão e exclusão social em todos os meios imagináveis e, conforme os anos avançavam, mais leis e decretos eram implementados pelo governo.

Entre eles, destacam-se, por exemplo, a lei “Native Urban Act” (1923) que limitava o acesso de pessoas não brancas em áreas consideradas como “dos brancos” pela lei. Já duas décadas depois, também surgia a lei denominada

“Population Registration Act” (1950) que classificava a população em grupos raciais, para posteriormente separá-las de acordo com essa classificação. Além disso, espaços públicos como piscinas, cinemas, parques, restaurantes, etc. eram constantemente separados entre brancos e não brancos. Essa situação se seguiu por décadas por todo território sul-africano, causando inúmeras revoltas entre a população negra contra o preconceito e exclusão social. Todavia, o que acarretou em um dos momentos mais tristes e violentos da história do país foi uma repressão linguística.

Em 1975, o governo sul africano impôs uma nova lei a constituição, conhecida como “Decreto Médio Afrikaans”, em que a língua ensinada nas escolas secundárias para populações negras passava a ser, obrigatoriamente o Africâner. A medida imposta aos estudantes causou revolta por inúmeros motivos, além de obrigar que o estudo fosse feito em uma língua diferente das que conheciam e dominavam, suas línguas maternas, a história por traz do Africâner representa uma afronta gigantesca, que remonta também à violência e regime opressivo sofrido por tantos anos pela população negra.

A língua em questão era conhecida como “a língua do opressor”, isso porque a origem do Africâner no país ocorreu séculos antes, quando os colonizadores holandeses dominaram os territórios africanos durante as grandes navegações, impondo suas culturas e línguas europeias à população local. Nesse aspecto, ao verem as suas línguas nativas serem completamente ignoradas em sua educação e substituídas pela opressora, desencadeou um sentimento de grande revolta entre a população negra.

Em primeiro momento, os estudantes realizaram uma greve escolar para demonstrar sua insatisfação diante da nova lei e então, algumas semanas depois desse primeiro movimento, no dia 16 de junho de 1976, milhares de alunos negros se reuniram em uma manifestação pacífica pelo subúrbio de Soweto, indo em direção a um estádio local, onde ocorreria posteriormente um comício.

Entretanto, foi nesse momento que os manifestantes foram surpreendidos por tropas de choque do governo, e então iniciava-se um dos massacres mais violentos da história da África do Sul. Naquele dia, centenas de estudantes foram mortos brutalmente pelas tropas de choque do governo, enquanto lutavam pela permanência de sua língua e cultura no âmbito educacional. Dados oficiais do

governo apontaram para 95 vítimas, mas acredita-se que o número chegou a centenas.

Tamanha foi a violência ocorrida em Soweto que em pouco tempo a notícia percorreu o globo. As inúmeras imagens dos estudantes correndo das tropas do governo capturaram a violência, desespero e tristeza da população diante do massacre. Entre as mais marcantes, destaca-se a do corpo do menino Hector Pieterse, de apenas 13 anos, sendo carregado por outro estudante, Mbuyisa, enquanto fugiam das tropas de choque.

Figura 1 - Alunos Antoinette Sithole e Mbuyisa Makhubu (carregando Hector Pieterse)



Fonte: Foto de Sam Nzima, 16 de junho de 1976

O levante ocorrido naquele dia se tornou um símbolo para o que seria o início do fim do Regime Apartheid na África do Sul, trazendo mais uma vez a questão a tona e uma nova visibilidade mundial à situação ainda vivida pela população negra em meados dos anos 70, quando muitos já pensavam estar no passado. Posteriormente, com Nelson Mandela assumindo o governo do país nos anos 90, o regime foi oficialmente encerrado e novas leis e decretos voltados aos direitos da população negra deram lugar às que antes reprimiram suas vidas e histórias.

Entretanto, elas não conseguiram apagar a dor e violência que a repressão e o preconceito causaram naquela população.

1.2 O PAPEL DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

Dessa forma, o que levamos então do Levante de Soweto e dos demais casos de repressão linguística ocorridos ao longo de vários séculos em relação às políticas linguísticas? E principalmente, do nosso entendimento do contexto atual das línguas no mundo?

Em seu livro “Políticas Linguísticas” (2007), Calvet analisa as diferentes abordagens, conceitos e ações das políticas linguísticas em diversos âmbitos. Ao explorar sobre as origens da política linguística na história, Calvet debate sobre as teorias propostas pelo pesquisador americano Einar Haugen, a respeito da importância de um planejamento linguístico na sociedade, ou seja, um plano de ação e papel das línguas em uma sociedade, assim como há para qualquer outro planejamento social feito pelos governos ao redor do globo.

Ao investigar sobre os modelos propostos por Haugen, o linguista também debate as diversas funções e tópicos destacados pelo americano para a formulação de um planejamento linguístico que seja de fato efetivo e que pense nos direitos de seus usuários.

Contudo, o que Calvet nos mostra é uma das grandes falhas que o modelo de Hausen apresenta, a ausência de uma das partes mais importantes na formulação de qualquer política linguística, ou pelo menos a que deveria ser, que é a necessidade de uma “consulta democrática junto às populações” (CALVET, 2007, p. 32).

Para que qualquer política seja bem implementada e funcione de fato para o grupo no qual está sendo imposta, é indispensável a presença dos falantes nesse processo. É nesse ponto que, quando olhamos então para o Levante de Soweto e outros momentos de violência à diversidade linguística na história, percebemos que a exclusão e repressão desses falantes podem levar a resultados extremos e decepcionantes, como a morte de um garoto de 13 anos lutando pela permanência de sua língua na educação. Sendo a língua um dos pilares da sociedade, sua repressão e descaso vai interferir diretamente em toda sua estrutura. Assim, o Estado precisa entender que escutar seus indivíduos é uma das armas mais

poderosas para o funcionamento e evolução social. Ademais, ao finalizar sua fala, Calvet (2007, p. 32) aponta exatamente para a problemática de tal questão na resolução de questões de política linguística, citando:

[...] se a língua pertence àqueles que a falam, o problema da língua aparece aqui como uma questão de Estado, e isso gera em algumas situações, como na França, conflitos entre esse Estado, os falantes da língua nacional e as minorias linguísticas do território.

Por esse viés, sabe-se que não existe língua alguma no mundo que não tenha passado por intervenções ao longo de sua história, mas é necessário que essas ações sejam realizadas pensando e incluindo diversos grupos sociais, não apenas o que está no poder ou é a maioria, priorizando especialmente os grupos nativos que carregam culturas linguísticas milenares.

Como pudemos ver, as consequências e peso da repressão linguística, mesmo em um cenário onde atualmente temos mais acesso à línguas com grande número de usuários e o multilinguismo seja a regra, ainda temos um grande número de línguas em perigo e uma exclusão que agora alcança um novo espaço, o meio digital.

Isso porque, ao mesmo tempo que temos uma inclusão maior de línguas com muitos falantes no meio digital, como Inglês, Mandarim, Espanhol, Português, etc., o espaço para línguas nativas e de grupos minoritários parece estar congelado no tempo. Já alguns anos atrás, Aryon Rodrigues (2008) comentava sobre a situação global das línguas em meio às evoluções sociais do século XXI:

Há 15 anos, a Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura alertou às nações que o conhecimento cultural do mundo está diminuindo. A variedade de conhecimento. Com a globalização, está se intensificando o processo de eliminar as minorias de uma maneira ou de outra. E isso leva embora as línguas e o conhecimento que é transmitido através delas. E isso é um fenômeno global.

Diante dessa fala, vinda de um dos maiores pesquisadores de língua indígena no país, é necessário olhar a realidade da situação enquanto ainda não estamos em um ponto irreversível.

Claro que, durante muitos anos, inúmeros países, incluindo o Brasil, já perderam milhares de línguas ancestrais, infelizmente muitas com grandes chances de desaparecer por completo na história da humanidade, e com isso já temos uma perda sem precedentes para toda a cultura e identidade de inúmeros indivíduos. Diante disso, é importante ressaltar que, mesmo diante de casos como de Soweto e outros marcantes ao longo da história, as nações ainda possuem um olhar monolíngue atualmente.

Ou seja, outras línguas devem ser preservadas na sociedade atual, mas não ocuparão os mesmos espaços das línguas oficiais, escolhidas como as representantes da nação, seus valores, costumes, ideias e cultura diante de outros países.

Assim, o que ainda veremos diante dessas afirmações de pesquisadores e estudiosos, além de eventos históricos recentes, é uma tentativa de compreender quais ações podemos e devemos fazer no âmbito das políticas linguísticas e defesa da diversidade linguística nacional e mundial diante dessas novas evoluções tecnológicas, e com isso abranger o maior número de falantes possíveis, em especial os que atualmente lutam contra sua extinção.

Dessa forma, com o intuito de entender o verdadeiro cenário linguístico que o Brasil enfrenta atualmente, o que esse primeiro capítulo procurou trazer para o desenvolvimento do trabalho é a compreensão, mesmo que breve, dos processos e caminhada da diversidade e política linguística ao longo dos últimos séculos para fora do território nacional. Isso porque buscaremos entender um pouco de como situações do passado estão acarretando em graves consequências em nosso presente e futuro, onde a diversidade linguística está em risco em diversos países e onde a extinção de línguas é uma das questões mais preocupantes deste novo século.

O que os próximos capítulos tendem a trabalhar melhor é no que de fato instituições e organizações mundiais, em especial a UNESCO, estão nos mostrando a respeito do cenário linguístico atual, o que foi feito até hoje e como será daqui para frente. Além disso, também vamos entender o papel do trabalho realizado no desenvolvimento do Atlas UNESCO diante da preservação das línguas em perigo.

2 O ATLAS UNESCO DAS LÍNGUAS EM PERIGO

Em 1928, em Haia, na Holanda, durante o que seria a primeira edição do Congresso Internacional de Linguística (International Congress of Linguistics - ICL), foi fundado o Comitê Internacional Permanente de Linguística. Desde então, a cada cinco anos, o comitê formado por pesquisadores e estudiosos da área organiza uma nova edição do encontro internacional em uma das grandes cidades e capitais do mundo. O congresso tem como objetivo proporcionar debates e discussões a respeito das principais questões de áreas e subáreas da linguística, principalmente voltado às pesquisas e seus avanços dos últimos anos.

Nesse aspecto, em 1987, ao longo da 14^a edição do Congresso Internacional, realizado em Berlim, foi protocolada e aceita uma petição proposta pelo Comitê para que houvesse uma maior visibilidade à questão das línguas ameaçadas no âmbito mundial, visto que o tema já causava preocupação aos pesquisadores da época.

A ação realizada no encontro teve de fato resultados muito positivos e o tópico obteve a visibilidade desejada pelo grupo, visto que a edição seguinte do congresso, em 1992 no Quebec, Canadá, foi dedicada à questão. Dessa forma, o 15^o encontro reuniu diversos artigos e trabalhos, elaborados por especialistas de todo o mundo, que resultaram na primeira pesquisa mundial no campo das Línguas Ameaçadas, publicada posteriormente no volume realizado pelo Congresso (ICL, 2024).

É nesse ponto que entra uma das figuras mais emblemáticas e importantes para a realização do que hoje conhecemos como o Atlas UNESCO das Línguas em Perigo, o húngaro Stephen Wurm. O linguista e professor universitário atuou como presidente da ICL e foi uma das peças chave para que houvesse uma maior circulação e visibilidade do tema entre o mundo da linguística, introduzindo suas pesquisas entre os outros linguísticas da área e enfatizando a preocupação para o perigo que desaparecimento e/ou morte de línguas apresenta para a sociedade.

Na época, o interesse de Wurm pela pesquisa e mapeamento de línguas em diversos territórios já ocorria há alguns anos, visto que o professor já tinha em seu currículo o desenvolvimento de inúmeros estudos e até mesmo de outros atlas durante os anos setenta e oitenta, esses voltadas para as línguas da Austrália, Tasmânia e China, por exemplo.

Dessa forma, resultado do incentivo do linguista, o Comitê Internacional passou a se dedicar também à um maior estudo e atenção às pesquisas e trabalhos voltados para a área, resultando até mesmo na formação de um centro de pesquisa voltado às línguas em perigo, o “International Clearing House for Endangered Languages (ICHEL)”.

Por esse viés, um dos últimos trabalhos elaborados por Wurm foi no desenvolvimento do primeiro Atlas das Línguas em Perigo publicado pela UNESCO, tema deste segundo capítulo.

2.1 SOBRE O ATLAS: PUBLICAÇÕES, CONTEÚDO E ACESSO

Em 1996 foi publicada a primeira edição do Atlas UNESCO das Línguas em Perigo, baseado no livro “O Livro Vermelho das Línguas em Perigo” de 1993, a partir da compilação de diversas pesquisas e trabalhos desenvolvidos pelo próprio Wurm, intitulado como editor principal do trabalho, e também dezenas de outros pesquisadores da área. Inclusive, a própria UNESCO já vinha elaborando o trabalho há alguns anos, desde o início dos anos noventa, coletando relatórios e pesquisas a respeito do tema com outras instituições (UNESCO, 2024). Assim, o primeiro Atlas UNESCO nasceu com o “objetivo de conscientizar a sociedade sobre o perigo das línguas ameaçadas e proteger a diversidade linguística” (de Oliveira, Sagica, Severo, 2024).

Entretanto, antes de iniciarmos uma análise mais aprofundada sobre o tema, devemos ver um dos pontos principais que envolve a elaboração de todas as versões da pesquisa, que é: o que classifica uma língua como “em perigo” ou não?

A classificação do Atlas baseia-se no Índice de Vitalidade das Línguas, que nada mais é do que o sistema que identifica e determina os fatores que levam uma língua estar na zona de ameaça, verificando assim as políticas linguísticas a respeito do mesmo; grau de transmissão da língua; seu uso na internet; registros da língua em documentos; entre outros critérios de relevância. Assim, após ser avaliada e catalogada por tais determinações, a língua poderá entrar em um das seis categorias (as duas primeiras não incluídas no documento) do Atlas das Línguas em Perigo do Mundo, como divulgado em sua última versão (2010), sendo elas:

5) Safe (Segura): a língua é falada por diversas gerações, com processo geracional atuando de forma efetiva; essas línguas não estão presentes no Atlas.

5-) Stable yet threatened (Estável mas ameaçada): a língua é falada em grande parte dos contextos por todas as gerações e sem interrupção do processo geracional, mas o multilinguismo na língua nativa ou outras línguas dominantes usurpou certos contextos de comunicação.

4) Vulnerable (Vulnerável): refere-se a língua com seus falantes sendo predominantemente crianças; pode estar sendo restringida a domínio específicos.

3) Definitely Endangered (Definitivamente em Perigo): são as línguas que já não têm mais participação no processo geracional, ou seja, as crianças não aprendem mais a língua como sua língua materna; não são repassadas de geração em geração.

2) Severely Endangered (Severamente em Perigo): a língua é falada apenas pelas gerações mais velhas, possivelmente avós ou bisavós da geração atual; normalmente são casos em que os pais da geração atual podem entender a língua, mas não sabem fala-lá de fato e/ou utilizá-la com seus filhos ou entre si.

1) Critically Endangered (Criticamente em Perigo): são casos em que a geração mais recente de falantes são a terceira idade, e mesmo assim o grupo fala a língua de forma parcial ou/e com pouca frequência.

0) Extinct (Extinta): a última classificação e a mais grave da lista, é o caso onde não existem mais falantes da língua na sociedade.

Nesse âmbito, considerando que não conseguiremos tratar de todo o conteúdo proposto pelas edições do Atlas, o que também não é objetivo do trabalho em questão, vamos focar em analisar de forma objetiva as edições publicadas ao longo dos anos, o que elas apresentaram de diferença entre si e suas análises enquanto a situação global a cada nova edição.

Diferente de suas edições posteriores, a primeira publicação do documento atualmente (em 2024) não se encontra disponível no site oficial da organização, sendo necessário solicitar informações do mesmo ou acesso ao próprio documento através de contato direto com a UNESCO. Entretanto, sem que comprometa o entendimento dos objetivos e fundamentos do Atlas, podemos iniciar nossa análise a partir da segunda edição da pesquisa, lançada em 2001 e que também contou com a participação de Stephen Wurm

Segundo o próprio Atlas, no período de publicação entre a primeira e a segunda edição, ocorreu uma expansão significativa no estudo das línguas em perigo no contexto mundial, isso tanto por causa da visibilidade trazida pela publicação do documento por um órgão mundialmente renomado como a UNESCO, mas também pela atenção que as mídias deram ao tema, com entrevistas, reportagens e notícias a respeito sendo constantemente reproduzidas. No entanto, o que sem dúvidas contribuiu para essa visibilidade foi uma importante ferramenta implementada nessa nova edição, contribuindo ainda mais com sua acessibilidade e expansão, que foi a inclusão do documento no meio digital (UNESCO, 2001).

Desse modo, de maneira resumida, a segunda edição do Atlas trouxe, além de um panorama sobre as evoluções realizadas no campo desde a publicação em 1996, uma nova pesquisa a respeito do constante perigo das línguas ameaçadas ao redor do globo ainda passavam, assim como novos resultados apontados pela comunidade científica e demais órgãos para uma atualização das línguas presentes na lista (UNESCO, 2001). Além disso, também é disponibilizado nesta edição cerca de quatorze mapas linguísticos referenciando as línguas em perigo presentes nos territórios mundiais.

Portanto, partindo então para a questão principal, o que a segunda edição do Atlas trazia de novo sobre a questão das línguas em perigo?

Na época, estimava-se que existiam cerca de 6.000 línguas faladas no mundo e a organização alertava sobre a possível perda de metade dessas línguas em um futuro próximo. Além disso, a UNESCO também indicava sua preocupação diante do risco que o desaparecimento de uma língua significava para a história da humanidade. Em sua conclusão, a organização expressa o desejo de trazer com que a nova publicação uma maior atenção e compreensão dos leitores para a situação em que o cenário linguístico se encontrava, com perigo de perdas irreparáveis para a sociedade, isso há mais de vinte anos atrás.

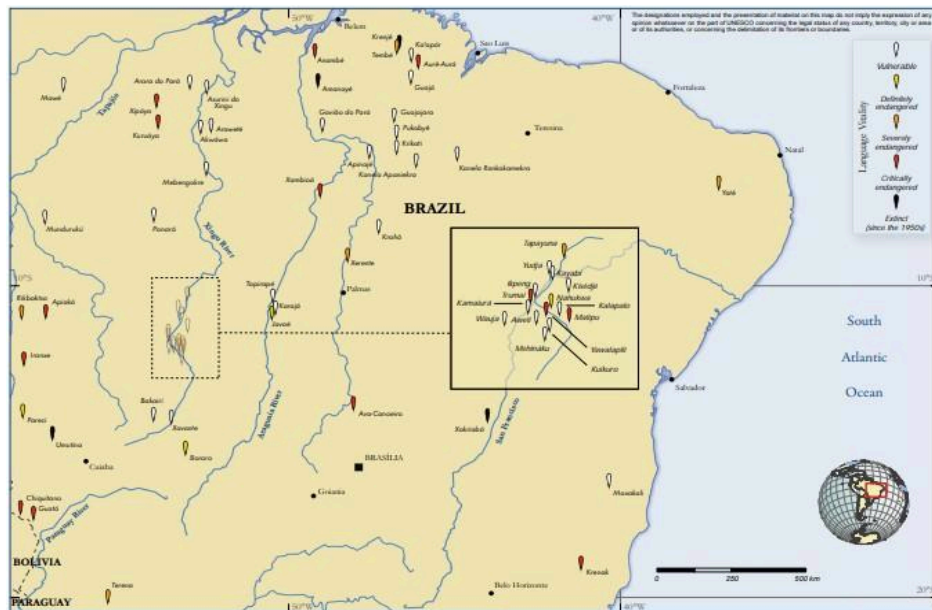
Por esse viés, a terceira e última edição do Atlas UNESCO das Línguas em Perigo foi lançada em 2010, dividida em dois volumes publicados no mesmo ano, e com evoluções positivas comparadas a versão anterior. Acompanhando as tecnologias que surgiram entre a edição de 2001 para a de 2010, o novo Atlas contava com uma aproximação ainda maior da internet. Além de ser lançada de forma digital e disponibilizada no site oficial da UNESCO, a nova edição contava também com uma versão interativa online. Essa ferramenta, até então a mais

tecnológica lançada para essa função no meio digital, incluía cerca de 2500 línguas listadas no Atlas e fornecia as diversas informações sobre as línguas, tais como nomes alternativos, países presentes, número de falantes, número ISO 639, vitalidade da língua e também as fontes utilizadas para a pesquisa (UNESCO, 2010).

Dessa forma, o novo formato do Atlas se tornou uma das ferramentas mais bem implementadas da UNESCO na época pois, ao mesmo tempo que demonstrou acompanhar as evoluções tecnológicas dos últimos anos, principalmente voltadas à internet, e ter uma plataforma interativa de fácil acesso, também era um maneira de atrair atenção para um público ainda maior a respeito da situação das línguas em perigo (UNESCO, 2024). Além disso, a plataforma também aceitava comentários e sugestões de seus usuários, visando coletar ainda mais dados e línguas pelo mundo através do meio digital.

Ademais, a evolução do Atlas não se limitou apenas em seu acesso, mas também em seu conteúdo, por exemplo, a nova versão contou também com uma inclusão ainda maior de mapas linguísticos e informações a respeito das línguas listadas pela organização. Para exemplificar o mapa em questão, a imagem abaixo demonstra o mapeamento das línguas em perigo realizado pela UNESCO a partir da parte leste da América do Sul, território majoritariamente brasileiro:

Figura 2 - Mapa Linguístico da parte Leste da América do Sul apontando as línguas classificadas como “línguas em perigo” pela UNESCO.



Fonte: Atlas of World’s Languages in Danger UNESCO (2010)

Figura 3 - Lista das Línguas em Perigo da parte Leste da América do Sul a partir do Mapa Linguístico.

Map 9 Southern South America

- | | | |
|--------------------------------|---|--|
| Aché (PRY) ↓ | Lengua (PRY) ↓ | Quechua of Santiago del Estero (ARG) ↓ |
| Atacameño (ARG; BOL; CHL) ↓ | Maká (PRY) ↓ | Sanapaná (PRY) ↓ |
| Ava-Guaraní (ARG) ↓ | Manjui (ARG; BOL; PRY) ↓ | Tapeté (ARG; BOL; PRY) ↓ |
| Chamacoco (BRA; PRY) ↓ | Mapuche (2) (ARG; CHL) ↓ | Tehuelche (ARG) ↓ |
| Chaná (ARG) ↓ | Mbya Guaraní (3) (ARG; BRA; PRY; URY) ↓ | Terena (BRA) ↓ |
| Chorote Iyojwa'ja (ARG; PRY) ↓ | Mocoví (ARG) ↓ | Toba (ARG) ↓ |
| Guaná (PRY) ↓ | Nandeva Guaraní (BRA) ↓ | Toba-Maskoy (PRY) ↓ |
| Guaraní Boliviano (ARG; BOL) ↓ | Nivacle (PRY) ↓ | Vilela (ARG) ↓ |
| Günuna Küne (ARG) ↓ | Ofayé (BRA) ↓ | Wichi (ARG; BOL) ↓ |
| Huilliche (CHL) ↓ | Ona (ARG) ↓ | Xetá (BRA) ↓ |
| Kadiwéu (BRA) ↓ | Pilagá (ARG) ↓ | Xokleng (BRA) ↓ |
| Kaingang (BRA) ↓ | Qawasqar (CHL) ↓ | Yahgan (CHL) ↓ |
| Kaiowá Guaraní (BRA) ↓ | | |
| Kinikinau (BRA) ↓ | | |

Fonte: Atlas of World’s Languages in Danger UNESCO (2010)

Além disso, um dos principais pontos vistos na edição de 2010 se dá em outro aspecto, que é a inclusão de relatórios a respeito da experiência das próprias comunidades usuários dessas línguas no processo de revitalização e proteção

dessas línguas, além de constatar e analisar as políticas nacionais voltadas para tais iniciativas (UNESCO, 2010).

De modo geral, a última edição publicada do Atlas trouxe mudanças positivas e uma nova visão a respeito do cenário global das línguas em perigo, mais uma vez enfatizando a real situação que nos encontramos, basicamente correndo contra o relógio para que não haja ainda mais perdas. Entre as mais de duzentas páginas que o documento apresenta, duas falas principais devem ser destacadas no trabalho em questão. A primeira é referenciada pelo editor da edição, o pesquisador Christopher Moseley, ocupando o lugar antes representado por Stephen Wurm, falecido em 2001.

Dessa forma, logo no primeiro capítulo Moseley afirma que o trabalho elaborado no Atlas pode nunca possuir uma versão final, visto que os humanos e sociedade estão em constante transformação no que diz respeito ao seu cenário linguístico, fazendo com que o processo de reaparecimento e morte de línguas seja constante por muito tempo (Moseley, 2001). Isso, além de certificar o quão amplo e desafiador é o trabalho realizado na formulação de um Atlas de Línguas, também demonstra os desafios que ainda teremos a frente no que diz respeito às mudanças linguísticas na sociedade, podendo tanto migrar para soluções positivas e efetivas, quanto para resultados trágicos.

Ademais, no último trecho da publicação de 2010, Moseley volta a conversar com os leitores a respeito do papel das línguas na sociedade, citando:

Languages are not only tools of communication, they also reflect a view of the world. Languages are vehicles of value systems and cultural expressions and are an essential component of the living heritage of humanity. Yet, many of them are in danger of disappearing
(Moseley, 2010.)

Assim, o autor ainda afirma que a razão da existência e permanência do Atlas das Línguas em Perigo e suas publicações é justamente na tentativa de trazer para o público a importância de vermos com clareza o perigo que as línguas ameaças apresentam atualmente para sociedade. É impossível negar que, de fato, as publicações dessa pesquisa são extremamente necessárias para entendermos e estudarmos mais o cenário atual, e que o tema continue em pauta no maior número de espaços possíveis, principalmente no meio digital em que informações circulam

de forma instantânea, para que tenhamos chance de lutar contra o tempo e evitar danos e perdas ainda maiores da nossa própria identidade.

3 O ATLAS UNESCO DAS LÍNGUAS DO MUNDO

Desde o início do novo milênio os avanços tecnológicos tornaram o meio virtual algo cada vez mais acessível por boa parte da população mundial. Segundo dados da União Internacional de Telecomunicações (UIT), cerca de 5,4 bilhões de pessoas estão conectadas à internet atualmente (2022), representando quase 70% de toda população mundial. Tais números demonstram o espaço que o meio digital ocupa nos tempos modernos, e que possivelmente se tornará um cenário cada vez mais constante em nosso futuro.

Por esse viés, logo após a publicação de suas duas primeiras versões do Atlas das Línguas em Perigo em 1996 e 2001, a UNESCO também disponibilizou documento de forma virtual através de seu site, buscando justamente uma maior visibilidade e acessibilidade para toda população a respeito da pesquisa. Na plataforma online, foram apresentadas informações e dados das primeiras pesquisas do projeto, assim introduzindo-as também para um público além do científico e estudiosos da área, mas para todos que tivessem acesso à internet. Além disso, ainda entre os anos de 2002 e 2003, a organização alcançou níveis ainda maiores em relação ao seu meio virtual, oferecendo então uma piloto para um “Atlas virtual”, na qual era disponibilizado um mapa linguístico interativo de todo o continente africano, contendo diversas informações e dados de mais de 100 línguas, essas já anteriormente citadas nas edições anteriores do documento.

O que tais iniciativas da UNESCO demonstram é que, ao longo dos anos, o projeto de pesquisa do Atlas buscou avançar junto à sociedade, inserindo-se assim no meio digital para que o mesmo acompanhasse seus avanços e tecnologias. Tal inserção não foi realizada apenas idealizando uma maior coleta de dados e pesquisas no geral, mas para também uma forma de propagar ainda mais a pesquisa ao redor do globo.

Dessa forma, após a publicação da última edição do Atlas das Línguas em Perigo em 2010, a UNESCO vem buscando novos meios de ampliação e aprimoramento de suas pesquisas e estudos a respeito das línguas em risco de extinção, não apenas no mundo real, mas agora também no ciberespaço. Por isso,

em 2014 a organização reuniu mais de 60 especialistas e pesquisadores de 24 estados-membros da UNESCO para uma reunião internacional que tinha como objetivo principal discutir sobre a diversidade linguística e multilinguismo no espaço digital. O encontro visava debater quais caminhos as nações poderiam seguir nos próximos anos para que o trabalho realizado no Atlas acompanhasse tais evoluções. Dessa maneira, durante a reunião foi determinada pelos representantes dos estados-membros uma nova mudança no projeto Atlas, implicando sua pesquisa do Atlas das Línguas do Mundo em Perigo como documento impresso, para então o que conhecemos hoje como Atlas Mundial das Línguas (WAL), uma plataforma global e virtual, e que agora englobava todas as línguas faladas no mundo

3.1 O NOVO ATLAS: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS, INFORMAÇÕES E OBJETIVO

Diante dessas constatações a respeito dos avanços tecnológicos dos últimos anos, o Atlas das Línguas do Mundo (WAL) emerge como uma das mais importantes ferramentas virtuais no que se diz respeito à pesquisa e documentação de línguas no mundo. A plataforma busca documentar e abrigar informações a respeito de milhares de línguas em um único ambiente, algo inovador e inédito tanto no âmbito de pesquisas e estudos na área, quanto para a própria sociedade. Entretanto, primeiramente devemos entender um pouco melhor a respeito dos objetivos e características que o projeto traz em seu trabalho, e então analisaremos como de fato está o processo de formulação do novo Atlas das Línguas do Mundo.

Atualmente, o WAL pode ser acessado pelo site oficial da UNESCO, onde é possível ao usuário pesquisar e fornecer informações a respeito de dezenas de línguas já certificadas pela organização e disponibilizadas no sistema, como demonstra a imagem abaixo:

Figura 4 - Página de Línguas do Site Oficial do WAL

The screenshot shows the UNESCO World Atlas of Languages website. At the top, there is the UNESCO logo and the tagline "Building peace in the minds of men and women". Below this, a blue navigation bar contains the text "The World Atlas of Languages is a beta version while data is being validated. Some inconsistencies may appear. The displayed data does not commit the Organization." and navigation links for "Home", "Discover", and "About UNESCO WAL".

The main heading is "Languages". Below it, a sub-heading states: "The World Atlas of Languages structures data around two dimensions: Languages and Countries". A paragraph explains the methodology: "According to the World Atlas of Languages' methodology, there are around 8324 languages, spoken or signed, documented by governments, public institutions and academic communities. Out of 8324, around 7000 languages are still in use." A call to action reads: "Learn about the world's languages and celebrate the global linguistic diversity by exploring the UNESCO World Atlas of Languages."

The main content area displays "8325 languages found" and a grid of language cards. On the left, there are two filter sections:

- VIEW UNESCO WAL - LIST SEARCH API - LANGUAGES, DISPLAY LIST: LANGUAGE SITUATION - LANGUAGE FACET**
 - Endangered/unsafe (2698)
 - Definitely endangered (2362)
 - Potentially vulnerable (1163)
 - Severely endangered (463)
 - Critically endangered (383)
 - Safe (65)
- VIEW UNESCO WAL - LIST SEARCH API - LANGUAGES, DISPLAY LIST: LOCATION/NATIVITY - LANGUAGE FACET**
 - America South (5)
 - Australia and New Zealand (5)
 - Northern Europe (3)
 - Southern Asia (3)
 - Western Africa (2)
 - Western Europe (2)
 - America Central (1)
 - America North (1)
 - Caribbean (1)
 - Eastern Asia (1)

The language cards shown are:

- 'Are'are**: Endangered/unsafe, Spoken language, Add to comparison list
- !Gã!ne**: Not in use, Spoken language, Add to comparison list
- Aari**: Potentially vulnerable, Spoken language, Add to comparison list
- Aasax**: Not in use, Spoken language, Add to comparison list
- Abadi**: Endangered/unsafe, Spoken language, Add to comparison list
- Abaga**: Critically endangered, Spoken language, Add to comparison list
- Abai Sungai**: Definitely endangered, Spoken language, Add to comparison list
- Abai Tubu-Abai Sembuak**: Endangered/unsafe, Spoken language, Add to comparison list
- Abanyom**: Endangered/unsafe, Spoken language, Add to comparison list

Fonte: Site Oficial Atlas das Línguas do Mundo (UNESCO)

De acordo com o próprio Atlas, hoje há cerca de 8324 línguas “faladas ou assinadas, documentadas por governos, instituições públicas e comunidades acadêmicas” por todo o mundo (UNESCO, 2024). Além disso, dentro desse número estima-se que cerca de 7000 dessas línguas ainda estão em uso na sociedade. Assim, verifica-se tamanha a demanda e dimensão do trabalho realizado na pesquisa para estudar cada uma dessas línguas, portanto, iremos trazer de maneira ainda mais enfática questões a respeito do multilinguismo e diversidade linguística na sociedade atual, elementos essenciais para o funcionamento e entendimento do Atlas. Neste terceiro capítulo iremos focar, principalmente, em analisar como está sendo realizada a pesquisa e formulação da seção brasileira do WAL.

Segundo a própria UNESCO (2024), as línguas presentes no Atlas são classificadas e repassadas para a plataforma oficial a partir de cinco principais pontos:

- diversidade linguística;
- tipo, estrutura e filiação das línguas;
- situação, estado atual e status das línguas;
- funções, usuários e uso atual das línguas;
- diversidade de opiniões sobre as línguas;

Assim, além dos critérios técnicos necessários para a organização de uma plataforma tão ampla, o Atlas enfatiza a importância que o multilinguismo e diversidade linguística têm nessa nova etapa de pesquisa. Claro que tal questão sempre foi um dos principais pontos para a UNESCO e suas áreas relacionadas à linguagem. No entanto, nesse novo momento a organização também têm como objetivo a longo prazo instituir o Atlas como uma importante ferramenta de proteção à diversidade linguística do planeta, e com isso também criou mais programas de incentivo voltado para a área como a Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032) (UNESCO, 2024).

A ação global foi implementada pela UNESCO justamente com a intenção de “chamar a atenção para a perda significativa das línguas indígenas e a necessidade urgente de preservá-las, revitalizá-las e promovê-las,[...]” (UNESCO, 2022). A iniciativa na organização mundial demonstra a alarmante situação linguística que nos encontramos atualmente, em que, conforme a pesquisa avança, mais línguas se mostram em situação de perigo e próximas à extinção. Portanto, a Década procura trazer durante esse período a oportunidade de darmos uma maior atenção e visibilidade para a criação de políticas e espaços que protejam, incentivem e conectem todas as línguas do mundo em todos os meios possíveis, especialmente no ciberespaço.

Além disso, o Plano de Ação Global, documento publicado pela UNESCO em 2023, focado na proteção dos direitos humanos e liberdade de expressão no meio digital, mas que também procura impulsionar as línguas indígenas para além do meio cultural e histórico, onde geralmente são concentradas, colocando-as também nos meios econômicos, ambientais, jurídicos, políticos, etc. Desse modo, é importante ressaltar que todas essas ações e objetivos da UNESCO foram certificados por meio de um documento publicado no ano de lançamento da iniciativa, em 2022, onde também há um cronograma para os dez anos de andamento da ação, disponibilizado no site oficial da organização.

Por isso, é necessário destacar que o Atlas das Línguas do Mundo não tem como principal objetivo tratar a respeito das línguas em perigo no mundo, diferente do trabalho feito pelo seu antecessor. O que o WAL tenta trazer é um olhar global a respeito de todas as línguas do mundo, com suas diferenças, origens, falantes, características e claro, também sobre a vitalidade de línguas minoritárias ou/e em

perigo, tudo isso utilizando o ambiente virtual ao seu favor. Assim, destaca-se uma ação da UNESCO proposta pela mesma ainda em 2003, onde foi lançada a “Recomendação relativa à promoção e utilização do multilinguismo e do acesso universal ao ciberespaço”. O documento tinha como objetivo reafirmar o compromisso da UNESCO, juntamente com seus estados-membros e demais organizações internacionais, de ampliar e apoiar o acesso de todas as redes e serviços digitais, esses definidos como parte dos direitos humanos a partir dos artigos 19 e 27 da Declaração Universal. Dessa forma, o documento reitera a necessidade da criação de programas de incentivo, construção de políticas voltadas para a área, além de uma maior atenção por parte dos países e organizações às inovações tecnológicas e sua acessibilidade (UNESCO, 2023).

Por esse viés, tal ação da UNESCO permaneceu como um dos pontos principais de trabalho da organização desde então, continuando como um dos mais importantes tópicos também ao longo dos anos, conforme a sociedade e tecnologias foram evoluindo. Atualmente, membros da organização ainda se reúnem para debater o tema e o andamento de tais tecnologias nos diferentes estados-nações, mostrando seus avanços, desafios e conquistas já implementadas através de políticas e ações efetivas. E é dessa maneira que emerge o Atlas das Línguas do Mundo (WAL), um novo tipo de Atlas que tem como objetivo trazer essas informações em um único espaço digital, de acesso livre e para todos.

Ademais, entre tantas informações e fatos sobre o WAL consequentemente podem surgir alguns questionamentos a respeito do mesmo, tais quais: qual a importância e papel desses aspectos (multilinguismo e diversidade linguística) na formulação do documento? Além disso, como está sendo feita a pesquisa no Brasil? Como estão sendo coletadas as informações? E, não menos importante, quem está colaborando com a mesma?

O Atlas das Línguas do Mundo é uma pesquisa internacional que abriga todas as línguas presentes entre os 194 Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU), abrigando todos os tipos de línguas, desde de línguas faladas até línguas de sinais, por exemplo. Assim, o trabalho de pesquisa e coleta de tais informações é entre esses estados-membros e seus respectivos representantes, para que então possam disponibilizar os dados solicitados pela organização e o mesmo seja adicionado na plataforma digital. Tais dados são coletados através de um questionário oficial do projeto, um documento único e formulado pela UNESCO,

o “Questionário WAL”. O documento em questão possui cerca de trinta questões, que buscam coletar o maior número de informações possível a respeito da língua que está sendo estudada. As primeiras questões do documento tratam de perguntas mais diretas e voltadas à organização do mesmo, além de possuírem um maior grau de facilidade, como por exemplo, “status da língua”, “disponibilidade de acesso à materiais”, entre outras. A imagem abaixo mostra uma questão respondida pela graduanda a respeito da língua indígena Xipaya, para o questionário WAL:

Figura 5 - Exemplo de Pergunta Atlas UNESCO (Status da Língua)

• * Definir o status da Língua. (sc)

STATUS DA LÍNGUA (SL)	APLICAÇÃO TERRITORIAL (EF)	NL	IL
OFICIAL em todo o país	[país] não		
Oficial regional	[País]		
Oficial minoritária	[país] adicionar parte se for territorial		
comunidade RECONHECIDA	[país] adicionar parte se for territorial		X
comunidade NÃO RECONHECIDA			
outros comentários / notas / observações (EF) <u>Brazil</u> - Estado do Pará - Comunidade Indígena Xipaya * o artigo 210 da CF diz: § 2.º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.			

Fonte: Questionário WAL Língua Xipaya

Desse modo, quando avançamos para as perguntas da segunda metade do questionário, visualizamos então perguntas a respeito de seus falantes e usuários da língua, com questões como “número de usuários”, “idade dos usuários” e “proporções de usuários na esfera digital”, por exemplo. Ademais, já na parte final do questionário, vemos perguntas relacionadas ao uso da línguas em si, como “uso da língua no rádio, televisão” e “língua no sistema jurídico”, questões essas que também não demandam tantos meios e instrumentos de pesquisas como outras presentes no documento acabam solicitando. Assim, deve-se enfatizar também que tais informações, como proposto pela própria organização, são fornecidas com base em dados oficiais de governos, organizações públicas, departamentos nacionais, etc.

Por esse viés, entraremos agora numa das principais questões e desafios para a formulação de tal pesquisa em nosso país, visto que o governo brasileiro até os dias presentes não realizou uma pesquisa nacional para a coleta de dados de todas as línguas brasileiras, com exceção da realizada pelo IBGE em 2010 sobre as línguas indígenas, e por enquanto não apresenta interesse no mesmo. O Brasil carece de apoio governamental para pesquisas como o Atlas, assim algo que já é desafiador em países que possuem e disponibilizam dados oficiais a respeito de suas línguas, se mostra ainda mais difícil em um que carece de pesquisas e apoio governamental na área. Ademais, como veremos no próximo capítulo de forma ainda mais ampla, apesar de vivermos em um dos países mais ricos em diversidade linguística do mundo, pouco acesso se tem a essas línguas em plataformas oficiais e de alcance nacional. Assim, o trabalho volta-se então para uma questão já trazida há algumas páginas e que merece ser tratada com maior atenção e destaque, que é o desafio de pesquisa e elaboração da seção brasileira do atlas aqui no Brasil.

4 ATLAS DO BRASIL E A LISTA GERAL DAS LÍNGUAS BRASILEIRAS

Atualmente, a UNESCO promove inúmeros programas de incentivo à pesquisa e estudo nas diversas áreas que a linguística abrange aos seus Estados-membros. Entre eles, destaca-se o trabalho realizado pela Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo (UCLPM), uma rede internacional de pesquisa a respeito da diversidade linguística, multilinguismo e política linguística na sociedade, atuando em 35 instituições distribuídas em 17 países espalhados ao redor do globo. Em maio de 2018, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi oficialmente registrada como a sede para a UCLPM, trazendo um espaço mais amplo para o estudo e visibilidade do tema no meio universitário e a importância do mesmo para a formação de seus estudantes.

Dentre suas inúmeras áreas de atuação na universidade, a Cátedra abrange em seu trabalho o desenvolvimento de ações voltadas a temas já trazidos anteriormente e muito importantes para a finalidade do trabalho em questão, como proteção de línguas, multilinguismo, educação, políticas linguísticas e direitos humanos, e com isso promover estudos, pesquisas e espaços para debate na área entre estudantes, professores e pesquisadores. O desejo principal entre seus colaboradores é contribuir para uma maior manifestação dos impactos e importância

da diversidade linguística para a sociedade, e além disso, para a urgência de maiores ações governamentais voltadas para esses meios, com direitos humanos assistidos para todos e políticas linguísticas sendo implementadas e efetivas para todos os cidadãos.

Assim sendo, tratar a respeito da Cátedra e seu objetivo na universidade é de grande importância para o desenvolvimento do trabalho em questão, agora em seu capítulo final, para uma maior compreensão também do papel da Cátedra para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa voltado para a realização da Seção Brasileira do Atlas UNESCO aqui no Brasil, e como isto levou para a formulação de uma “Lista Geral das Línguas Brasileiras”, que veremos na última seção do trabalho.

Nesse âmbito, desde o início de suas atividades em 2018, a Cátedra está sob a coordenação de Gilvan Muller de Oliveira. Assim, foi concedido ao professor uma das grandes responsabilidades para a realização do Atlas das Línguas do Mundo, uma vez que a UNESCO nomeou a Cátedra como um dos principais pontos focais para a pesquisa do WAL no Brasil. Ou seja, ela contribui atualmente com a pesquisa, estudo, distribuição, revisão e coleta de questionários a respeito de dezenas de línguas faladas em território nacional, para que ocorra a atualização e futuramente publicação da Seção das Línguas Brasileiras no WAL.

Compreendendo tal cenário, o Prof. Gilvan deu início ao trabalho de pesquisa do Atlas no Brasil por dois meios: através dos participantes da Cátedra e voluntários no projeto, mas também por meio dos alunos do curso de Letras da Universidade, na qual a graduanda em questão participou durante o primeiro semestre de 2024.

4.1 PESQUISA E ELABORAÇÃO DO ATLAS NO BRASIL

Primeiramente, veremos como está sendo realizada a pesquisa pelos alunos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para então ampliarmos nosso olhar para uma visão geral a respeito da pesquisa e elaboração dos questionários das línguas brasileiras.

Durante o primeiro semestre de 2024, a formulação dos questionários Atlas foi desenvolvida pelos alunos inscritos na disciplina de Políticas Linguísticas ministradas pelo Prof. Gilvan Muller, através do que seria considerado como um dos trabalhos finais da matéria. Assim, foi disponibilizado pelo próprio professor um

documento contendo mais de vinte línguas brasileiras com menos de dez falantes atualmente, ou seja, línguas com grandes chances de serem extintas da sociedade. Entre as línguas presentes estavam, por exemplo: Krenak, Karipuna, Anambé, Júma, Xipaya, entre outras.

Foi permitido então aos alunos que escolhessem entre essas línguas, uma para estudo e pesquisa para que fosse então respondido o questionário Atlas a respeito e, desse modo, a graduanda em questão optou pela pesquisa da língua Xipaya.

De maneira resumida, realizar a pesquisa de uma língua com tão poucos falantes através da internet fez com que a caminhada fosse bem mais fácil do que seria há vinte, trinta ou quarenta anos atrás em que tais recursos não existiam ainda com tanta facilidade. No entanto, a tarefa ainda se mostrou bem desafiadora, visto que mesmo com tanto acesso e espaços para se coletar informações a respeito de uma cultura tão rica quanto do povo Xipaya, o meio digital ainda carece de acesso e visibilidade para línguas indígenas.

No geral são poucas pesquisas disponibilizadas na internet e, quando se encontravam essas online, tratavam-se majoritariamente de pesquisas e estudos realizados por outros linguistas e pesquisadores, o que apenas enfatizou a importância do papel que universidades, seus estudiosos e centros de ensino da área possuem no processo de entendimento e estudo das línguas. Porém, no que se diz respeito à língua Xipaya, muitas perguntas trazidas no questionários ficaram sem resposta concreta, principalmente no que se diz respeito aos falantes da língua, pois não existem dados exatos e/ou atuais a respeito de um número exato. Assim, o que foi utilizado foram estimativas a partir de dados encontrados em plataformas como Terras Indígenas, página oficial do governo voltado aos territórios indígenas no país, mas também a partir de pesquisas de outros linguistas, como Peter Schroder em sua obra “Os Índios Xipaya: Cultura e Língua” (2017).

Nesse sentido, estar em contato direto com uma cultura nativa tão rica e importante para a história nacional apenas evidenciou a preocupante situação linguística que o país se encontra no que diz respeito à vitalidade e preservação de suas línguas. Enquanto a pesquisa se encaminhava para o fim, com o preenchimento do questionário sendo finalizado, emergia sentimentos conflitantes à pesquisadora. Ao mesmo gratidão por realizar um trabalho e experiência tão rica no que diz respeito à diversidade linguística brasileira, também nascia uma grande

preocupação com a falta de acesso a essas línguas no meio digital, de políticas linguísticas para preservação e, por fim, de sua possível extinção.

Assim, destaca-se a necessidade e importância da presença da comunidade indígena para a realização de tal pesquisa pois, fato é que sem eles não existirá pesquisa alguma das línguas brasileiras para qualquer organização ou instituição. Isso surge em diversos aspectos da pesquisa, tanto na própria coleta de dados e informações a respeito das línguas e comunidades pesquisadas, quanto na própria compreensão da realidade vivida por esses falantes e qual o melhor caminho a ser traçado para sua preservação, proteção e visibilidade social.

Dessa forma, agora visando um olhar geral para a pesquisa do Atlas no Brasil, o projeto enfatiza a busca e presença de pesquisadores indígenas no desenvolvimento da pesquisa, buscando sempre a integração e participação da comunidade e seus falantes em todas as etapas necessárias e estudo dessas línguas. Por esse viés, atualmente o Projeto WAL no Brasil já conta com mais de trinta questionários de línguas brasileiras respondidos, com outros ainda em processo de pesquisa e desenvolvimento conforme o trabalho avança por todo o país e, com isso, abrange um número ainda maior de falantes.

Com isso deve-se enfatizar que, mesmo se tratando da grande maioria em nosso país, a diversidade linguística brasileira abrange muito além das nossas ricas línguas indígenas, sendo um espaço repleto de línguas de imigração, como o Talian, línguas de sinais, indo além de apenas Libras (Língua Brasileira de Sinais), línguas quilombolas, línguas ciganas, de refugiados e tantas outras espalhadas em nosso território.

Foi a partir desse primeiro contato com o trabalho desenvolvido no questionário, ainda através da disciplina de política linguística, que a discente iniciou um trabalho juntamente com o projeto do Atlas para além do curso e demais atividades relacionadas ao multilinguismo e políticas linguísticas brasileiras. Em decorrência disso, iniciou-se então a preparação para um trabalho de conclusão de curso que envolveria o Atlas e o contexto de línguas brasileiras no cenário atual da sociedade. No entanto, em primeiro plano, a criação de uma Lista das Línguas Brasileiras não estava sendo planejada ao longo da pesquisa do Atlas. Todavia, conforme se aprofundava o estudo a respeito de políticas linguísticas e a situação das línguas no país, constatou-se que ainda em pleno século XXI tal pesquisa nunca foi realizada por um órgão brasileiro e que abrangesse de fato todas as línguas

faladas por seus habitantes, e além disso, que também estivesse disponível para todos através de uma plataforma digital.

Em virtude disso, por mais que não tenha sido planejada para o trabalho em questão, a formulação da Lista de Línguas Brasileiras, acabou sendo uma das ferramentas mais enriquecedoras da pesquisa e para o desenvolvimento do mesmo, afirmando ainda mais a necessidade de um olhar do governo atual, tão ativo para a preservação e propagação cultural do país, para as línguas brasileiras. Estas são extremamente importantes para a riqueza e patrimônio cultural brasileiro, assim como de políticas linguísticas para esses meios que atuem de forma efetiva na preservação da diversidade linguística.

4.2 LISTA DAS LÍNGUAS BRASILEIRAS

A partir desse primeiro contato com o projeto Atlas e a pesquisa envolvendo as línguas brasileiras, a graduanda iniciou atividades voltadas à organização e assistência para o projeto em questão, principalmente ligada aos questionários respondidos pelos participantes e sua documentação. Como abordado anteriormente, através dessas atividades verificou-se então a existência de uma grande problemática em relação a pesquisa no Brasil e suas dificuldades diante de tantas outras nações, que avançam com mais facilidade em sua pesquisa para o Atlas, sendo esta a falta de documentos, pesquisas ou registros oficiais a respeito da quantidade de falantes e línguas existentes no país. Isso faz com que, um trabalho que por si só já seja desafiador com recursos e dados a respeito do tema, se torne ainda mais trabalhoso com a falta de apoio governamental.

Verificando-se tal situação, juntamente com auxílio e apoio do professor Gilvan Muller, a graduanda deu início a formulação de uma “Lista das Línguas Brasileiras”. Assim, iniciando com recursos simples, os dados coletados foram abrigados em uma única planilha, dividida em três principais pesquisas, e que futuramente poderá ser ampliada para uma plataforma online e auxiliar diversos estudiosos e estudantes da área a entender um pouco mais sobre a cultura e diversidade linguística de nosso país.

A pesquisa e elaboração da Lista de Línguas baseia-se em dados coletados por três fontes principais: a lista de línguas indígenas divulgada na pesquisa IBGE de 2010 realizada pelo Governo Federal; a lista das Línguas Indígenas Brasileiras

do grande pesquisador Aryon Rodrigues (2013); e por fim a lista de todas as línguas brasileiras divulgada na última edição do Ethnologue (2021).

Verificamos então que tal pesquisa baseou-se em recursos simples para ser realizada, com grande parte do trabalho sendo feito por meio de buscas e pesquisas na internet, onde foram selecionadas três fontes em questão. Dessa perspectiva, é importante destacar a escolha de Rodrigues, IBGE e Ethnologue para a formulação dessa lista. O fato é que tais fontes são meios seguros e comprovados de pesquisas realizadas no país, uma feita pelo próprio governo brasileiro (IBGE), a outra por um dos maiores pesquisadores de língua indígena no país (Aryon Rodrigues), e por fim uma organização internacional especializada na pesquisa de mapeamento de línguas (Ethnologue) que veremos a seguir de forma mais ampla.

Logo, após uma breve introdução à pesquisa e conteúdo a ser apresentado na Lista de Línguas Brasileiras, vamos então ao que cada fonte nos apresentou e as conclusões que podemos chegar no que diz respeito a quantidade de línguas presentes no Brasil, seus falantes e o que esses dados nos falam a respeito da preservação, proteção e futuro da nossa diversidade linguística.

Por esse viés, em primeiro plano vejamos então os dados apresentados pelo Ethnologue, sendo esses os que introduzem a Lista de Línguas Brasileiras. Primeiramente, para entendermos a origem das informações que veremos a seguir, vamos entender sobre sua fonte. O Ethnologue é uma publicação do Summer Institute of Linguistics (SIL), uma instituição cristã evangélica fundada em 1934 nos Estados Unidos, a partir do desejo de seu fundador, Richard S. Pittman, de compartilhar o estudo sobre a tradução da Bíblia em diversas línguas com demais pesquisadores ao redor do mundo.

Para recolher e administrar milhares de informações de línguas de todos os cantos do mundo, o Ethnologue recebe seus recursos para estudos linguísticos através da instituição cristã que realiza tais pesquisas a respeito das línguas minoritárias em diversos países.

Ao longo do anos, o banco de dados da instituição recebeu uma importante complementação, e em 1998 a Internacional Organization for Standardization (ISO) adotou o que ficaria conhecido como ISO 639-2, um novo padrão de identificação de línguas utilizando suas três principais letras. Desse modo, anos depois em 2002 o ISO convidou a SIL a introduzir o sistema organizacional em seu banco de dados e

assim, todas línguas presentes no Ethnologue possuem um código padrão ISO para identificá-las.

A SIL cresceu ao longo dos anos, sendo considerada atualmente como uma das maiores redes de pesquisa de línguas do mundo, ainda perpetuando também seus princípios e ideais cristãos.

Nesse sentido, segundo o Ethnologue (2024), há cerca de 7.164 línguas no mundo, número significativamente menor do que o estimado pela UNESCO, englobando 242 países. Já no Brasil, dados da instituição apontam para 241 línguas ativas em território nacional, incluindo línguas indígenas, de imigração e a língua de sinais (Libras). Abaixo, vejamos uma imagem da planilha abrangendo as primeiras vinte línguas apresentadas pelo Ethnologue, organizados em ordem crescente de número de falantes:

Figura 6 - Primeiras Línguas Brasileiras presentes na Lista do Ethnologue

por	Portuguese	211200000	201000000
spa	Spanish	6107000	507000
vec	Talian	4000000	4000000
hrx	Hunsrik	3000000	3000000
deu	German, Standard	1100000	1100000
bzs	Brazilian Sign Language	630000	630000
rmq	Caló	400000	400000
jpn	Japanese	380000	380000
nds	Pomeranian	300000	300000
ita	Italian	50000	50000
kor	Korean	37000	37000
tca	Ticuna	35000	35000
xav	Xavante	19000	19000
kgp	Kaingang	18500	18500
kgk	Kaiwá	18000	18000
ter	Terêna	15800	15800
mbc	Macushi	15000	15000
gub	Guajajara	14000	14000
myu	Mundurukú	8000	8000
pdt	Plautdietsch	8000	8000

Fonte: Planilha das Lista Geral das Línguas Brasileiras

Como esperado, pode-se ver a predominância do Português como a língua com maior número de falantes no país, seguida pelo Talian e outras línguas de imigração, juntamente com Libras. É apenas na décima segunda posição que consta a primeira língua indígena presente na lista, o Ticuna, com cerca de 35.000 mil

falantes no país. Após a presença do Ticuna, a lista seguirá com predominância das línguas nativas brasileiras e, conseqüentemente, com a diminuição no número de falantes ativos.

A partir da língua Acroá, numerada na posição 175º, as 66 línguas restantes na lista aparecem com o número zero de falantes, assim, tratam-se de línguas consideradas como praticamente extintas. Isso pois, sem falantes ativos, a tarefa de mantê-la presente na sociedade torna-se ainda mais difícil, principalmente com a falta de registros audiovisuais como vídeos, áudios ou até mesmo escrituras, o que acontece na grande maioria dos casos.

Migrando agora para a segunda fonte de informações utilizada na pesquisa, vejamos os dados apresentados pelo IBGE de 2010, contendo agora apenas as línguas indígenas do país e, ademais, uma visão da situação linguística indígena do país há quase quinze anos atrás.

Segundo dados do IBGE (2010), no que se refere às línguas indígenas no país, o Brasil abrigava cerca de 219 línguas por todo seu território. Diferente da instituição citada anteriormente, todas incluídas na lista do IBGE possuíam, no mínimo, um falante ainda ativo, assim não incluindo línguas já extintas ou sem usuários. Vejamos também então a lista contendo as primeiras vinte línguas presentes na lista, distribuídas em ordem crescente de número de falantes:

Figura 7 - Primeiras Línguas Brasileiras presentes na Lista do IBGE (2010)

Tikúna			30057
Guarani Kaiowá	Tupí-Guaraní	Tupí	24368
Kaingang	Jê	Macro-Jê	19905
Yanomámi	Yanomámi		12301
Xavánte	Jê	Macro-Jê	11733
Tupí-Guarani não especificado	Aruak	Tupí	9905
Guajajára	Tupí-Guaraní	Tupí	8269
Mawé	Mawé	Tupí	8103
Teréna	Aruak		6314
Kayapó	Jê	Macro-Jê	5520
Guarani Nhandeva	Tupí-Guaraní	Tupí	4887
Makuxí	Karib		4675
Tukano	Tukano		4412
Lingua Geral Amazônica	Tupí-Guaraní	Tupí	3771
Kaxinawá	Pano		3588
Mundurukú	Mundurukú	Tupí	3563
Guarani Mbya	Tupí-Guaraní	Tupí	3248
Wapixána	Aruak		3154
Kulina Madijá	Arawá		3043
Mondé, Tupí-Mondé	Mondé	Tupí	2886
Baniwa	Aruak		2744

Fonte: Planilha das Lista Geral das Línguas Brasileiras

Pode-se notar que além da informação a respeito do número de falantes, a lista do instituto brasileiro também abriga a família linguística e o tronco linguístico das línguas indígenas brasileiras. Tanto para as seções do IBGE quanto para a de Aryon Rodrigues, que veremos em seguida, a planilha com a Lista de Línguas Brasileiras é organizada para também disponibilizar uma pesquisa à parte para essas seções, caso seja do interesse do usuário ou pesquisador visualizar as línguas de acordo com suas famílias ou troncos linguísticos, visando justamente facilitar a pesquisa.

Por conseguinte, a última seção da Lista das Línguas Brasileiras abrange os dados apresentados na obra de Aryon Rodrigues, “Línguas Indígenas Brasileiras”, publicada em 2013. Com isso, vale-se destacar brevemente o magnífico trabalho realizado pelo professor Rodrigues, marcado na história do país por seus inúmeros estudos e pesquisas que realizou ao longo da vida voltado às línguas indígenas brasileiras, sua valorização, preservação e visibilidade para a sociedade e para a área da linguística no geral.

Em sua pesquisa, publicada três anos após os dados divulgados pelo IBGE, a lista de Aryon nos apresentou um número inferior à pesquisa anterior, apresentando um total de 199 línguas indígenas no país. No que diz respeito ao número de falantes, seis delas não possuem números exatos e esses não foram apresentados pelo autor, sendo elas: Katawixí, Mandúka, Mondé, Nhandéva, Yanomám e Kaiwá (Kayowá).

Figura 8 - Primeiras Línguas Brasileiras presentes na Lista de Aryon Rodrigues

Tikúna (Tukúna)	Tikúna		AM	30000
Kaingáng (Caingangue)	Jê	Macro-Jê	PR, RS, SC, SF	28000
Makuxí	Karíb		RR	23500
Teréna	Aruák		MS	20000
Guajajára (Tenetehára)	Tupí-Guaraní	Tupí	MA	19500
Yanomámi	Yanomámi		RR	15700
Língua Geral Amazônica (Nheengatú)	<i>(Falada pelos Baré, Baniwa e...)</i>		AM	15000
Xavánte (A'wén)	Jê	Macro-Jê	MT	12900
Mundurukú	Mundurukú	Tupí	PA	10000
Kokáma (Omágua, Cambeba)	<i>mista</i>		AM	9500
Múra	Mura		AM	9300
Mawé (Sateré-Mawé)	Mawé	Tupí	AM	8400
Xakriabá (Xikriabá)	Jê	Macro-Jê	MG	7700
Wapixána	Aruák		RR	6850
Tukáno (Tukána, Yepámasã)	Tukano		AM	6250
Kayapó (Mebengokré)	Jê	Macro-Jê	MT, PA	6000
Baniwa do Içana	Aruák		AM	5000
Kaxinawá, Caxinauá	Páno		AC	4500
Yatê (Carnijó, Fulniô)	Yatê	Macro-Jê	PE	3700
Timbira (Canela, Gavião)	Jê	Macro-Jê	PA, MA	3500

Fonte: Planilha das Lista Geral das Línguas Brasileiras

Assim como a pesquisa do IBGE, as línguas indígenas também são divididas em seções separando suas famílias linguísticas e troncos linguísticos, além de apresentar também informações de quais estados pode-se encontrar cada língua. Entretanto, apesar de apresentar um número inferior de línguas presentes no Brasil, dados de Rodrigues apresentam um aumento no número de falantes de línguas indígenas. Enquanto em 2010 o IBGE registrava 243.000 mil falantes, em 2013 a pesquisa de Aryon apresentou dados relatando 297.000 mil falantes no país.

A partir dessa perspectiva, após analisarmos as principais informações e dados coletados através dessa pesquisa, será que temos poucas línguas indígenas no país? Como está a situação e o que devemos esperar para os próximos anos?

Segundo dados do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional), acredita-se que antes da chegada dos portugueses às terras indígenas no começo do século XV, o Brasil abrigava cerca de 1.078 línguas nativas em seu território. Ou seja, em um pouco mais de cinco séculos perdemos mais de 800 línguas nativas brasileiras, e em nossa atual caminhada, podemos perder muito mais nos próximos anos. Vejamos que tal problema de desaparecimento de línguas não é uma problemática exclusiva do Brasil, sendo uma questão de preocupação mundial, como já apontado anteriormente.

De acordo com o World Report Of Languages (2021) divulgado pela UNESCO, cerca de metade de todas as mais de 8.000 línguas faladas no mundo atualmente podem desaparecer por completo até o final deste século.

Por essa razão, voltamos também nosso olhar sobre o Atlas, que em uma luta pela preservação e visibilidade máxima para todas as línguas do planeta, busca o maior e mais eficaz recurso do mundo moderno: o ciberespaço. Pode-se ver que tal ação está sendo considerada como ação de manada, claro que de uma visão positiva, em que cada vez mais se encontra informações sobre línguas no meio virtual.

Um exemplo disso está na pesquisa em questão, em que todas as informações e dados coletados foram encontrados através de pesquisas na internet ou então trocas de mensagens através de redes de conversas, onde uma dúvida pode ser respondida em questão de segundos por outro pesquisador ou professor do outro lado do país, ou até mesmo do mundo, algo impensável há décadas atrás.

Desse modo, adentramos em um importante tema no que diz respeito à formulação da Lista Geral das Línguas Brasileiras, isso porque, como já era esperado, vamos ter resultados conflitantes entre as três fontes pesquisadas. O resultado de tal diferença pode ter inúmeros fatores, como ano de pesquisa, meios de pesquisa, área de concentração, território concentrado, recursos utilizados, entre tantos outros mais. O que deseja-se realizar através dessa pesquisa não é apenas apresentar um dado único e específico sobre as línguas ativas no Brasil, visto que o mesmo é quase impossível ser auxílio de recursos financeiros, apoio governamental ou/e políticas linguísticas que apoiem e garantem tais pesquisas e estudos na área. Essa pesquisa visa disponibilizar suas informações, em um futuro próximo, em uma plataforma digital em que tais dados estejam disponibilizados e acessíveis para todos os usuários e, principalmente, para a população brasileira.

Isso porque é extremamente necessário que a sociedade num geral possa ver de maneira clara o cenário que enfrentamos atualmente na luta pela diversidade linguística no país, especialmente no que diz respeito às línguas indígenas. Como já constatamos, durante muitos anos o país sofreu com a falta de apoio dos antigos governos e instituições da área para financiar e apoiar as comunidades linguísticas e demais pesquisadores que visam estudo na área. Assim, é necessário trazer tais informações para um público maior por outros meios, e que outro meio tão eficaz podemos ter quanto o meio digital nos dias atuais. Fato é que a internet já é, e será

cada vez mais, uma das principais ferramentas para a preservação, proteção e promoção de línguas nos tempos modernos.

4.3 UMA BREVE ANÁLISE DA LISTA

Em razão da pesquisa ainda estar no início de seu desenvolvimento, não será possível apresentar informações detalhadas e mais aprofundadas sobre seus resultados finais e uma análise geral do seu pós-publicação. No entanto, já durante essa primeira fase pode-se apresentar alguns tópicos interessantes encontrados durante o estudo, principalmente no que tange sua relação com a política linguística.

Vejamos uma primeira análise dos resultados presentes na lista através da língua escolhida pela graduanda para a pesquisa e resposta do formulário Atlas, o Xipayá. Para a lista de Rodrigues (2013) a língua aparece com o número de falantes estimado em 600 pessoas. Já para o IBGE (2010), a língua aparece com apenas 12 usuários, e para a pesquisa mais recente do Ethnologue (2021), a língua aparece com o trágico número de 1 falante apenas.

Trazer esses dados sobre um idioma no qual foi pesquisado pode ampliar o entendimento sobre o projeto de pesquisa em si pois, como citado anteriormente, os dados poderão divergir, e muito, sobre algumas línguas brasileiras. Nesse caso específico, por exemplo, o dado que parece estar mais próximo da realidade se relaciona com a pesquisa do IBGE, baseando-se em um número próximo de 10 falantes. Isto de acordo com as pesquisas realizadas pela graduanda através de informações encontradas na internet.

De todo modo, a conclusão a que se chega é que, estando em desacordo ou não, tais dados se baseiam em pesquisas bem elaboradas e estudadas, e todos devem ser considerados, pensando também em seus diferentes contextos de pesquisa.

No entanto, também é importante ressaltar que, sem dúvidas, também buscamos trazer informações concretas e mais próximas da realidade atual do país através da Lista de Línguas Brasileiras. No entanto, é justamente através desses dados do IBGE, Aryon Rodrigues e Ethnologue que podemos iniciar a pesquisa com alguma base de dados, sem estar totalmente no escuro, para então continuarmos a caminhada de estudo e pesquisa de línguas no país.

Por esse viés, voltamos então para a relação da lista com as políticas linguísticas brasileiras, um dos pontos principais do projeto. Isso porque, mesmo sem previsão para sua publicação, o estudo realizado por esse projeto planeja que ele atue justamente como uma forma de política linguística no Brasil. Como já explorado ao longo do trabalho, o acesso às informações linguísticas de uma população também faz parte de seus direitos humanos básicos e deve ser tratado com a devida importância.

Dessa forma, fornecer tais informações para a população brasileira será uma das possibilidades mais ricas e importantes de acesso à história de nosso país, não apenas no momento presente, mas também para o futuro das línguas brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, diante das inúmeras temáticas e áreas que o trabalho em questão buscou trazer com sua publicação, pode-se certificar que concentrou-se em trazer à público como os objetivos, ações e funcionamento do projeto do Atlas Unesco das Línguas do Mundo (WAL) e, principalmente, do desenvolvimento da seção brasileira do documento, podem proporcionar resultados inovadores e extremamente importantes no que se diz respeito à proteção e promoção de milhares de línguas mundialmente.

Em uma realidade na qual diversas comunidades viveram durante séculos fortes regimes repressivos à suas culturas e costumes e, conseqüentemente, às suas línguas nativas, estamos caminhando agora para um mundo que luta para a permanência dessas línguas na sociedade e para as mesmas não sofram com a temida extinção. Dessa maneira, as políticas linguísticas emergem como importantes ferramentas para a luta pelos direitos linguísticos de todos os cidadãos, para que momentos trágicos da história, como o Levante de Soweto, não ocorram no mundo atual e também não sejam um perigo para as futuras gerações. O papel das políticas linguística é essencial para o funcionamento de qualquer sociedade e para isso é indispensável o papel de seus integrantes, o povo. Para isso, além da criação de espaços que tragam visibilidade para a importância que a diversidade linguística e multilinguismo possuem na sociedade atual, em um mundo cada vez

mais próximo graças à internet, é necessário também que organizações e instituições de ensino e pesquisa, além dos órgãos de poder das grandes nações, criem políticas efetivas na área em seus países e que estas trabalhem com e para a sua população.

Desse modo, o projeto Atlas da UNESCO se torna um dos mais importantes instrumentos internacionais para a pesquisa e documentação de línguas no mundo, agrupando tais informações de maneira simples e eficaz e tudo isso de maneira digital, alcançando ainda mais pessoas de todas as partes do globo. A possibilidade de acessar pela primeira vez documentos e dados oficiais a respeito de milhares línguas históricas é algo inovador e revolucionário no nosso presente. Isso porque, como vimos, por mais que o mundo virtual já faça parte da nossa realidade há alguns anos, diversos países, incluindo o Brasil, carecem de acesso a informações sobre sua própria cultura e população.

Por esse viés, entramos também numa das principais questões que o trabalho buscou responder, visando um olhar para uma problemática nacional, e assim tratando do papel que a função que a seção brasileira do Atlas exerce em nosso país.

Nesse ponto, o projeto pela primeira vez apresentará à população brasileira dados completos a respeito de todas as línguas faladas em território nacional, algo inédito visto que nunca foi realizado pelo governo brasileiro. Dessa forma, a pesquisa do WAL no Brasil conta com seus próprios pesquisadores, estudantes e profissionais da área espalhados pelo país e que buscam contribuir para a realização da pesquisa das mais de cem línguas existentes em nossa nação. É a partir desses voluntários e, especialmente, pela presença dos povos indígenas brasileiros, que a pesquisa contribui em diversos âmbitos sociais e culturais brasileiros e, principalmente, para a preservação de um dos nossos mais importantes patrimônios históricos, as línguas brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ARCHANJO, Renata.** Globalização e multilinguismo no Brasil: competência linguística e o programa Ciência Sem Fronteiras. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/zCHkdXKkKVJ68hNBktdGWML/#>. Acesso em: 22 set. 2024.
- BAGNO, M.** Cassandra, Fênix e outros mitos. In: **FARACO, C. A.** (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001. p. 49-83.
- CALVET, Louis-Jean.** As políticas linguísticas. São Paulo: Parábola, 2007.
- DE OLIVEIRA, B.; SAGICA, V.; SEVERO, C. G.** About the senses of vitality: reviewing the Atlas of the World's Languages in Danger (UNESCO) through local indigenous experiences. *Cadernos de Linguística*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. e690, 2024. DOI: 10.25189/2675-4916.2024.v5.n1.id690. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/690>. Acesso em: 8 set. 2024.
- DIEGO, N.** Extinção, preservação e vitalidade das línguas. In: **Anais do XIII Congresso Nacional de Línguas e Filologia**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/extincao_preservacao_e_vitalidade_das_linguas_diego.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.
- EBC. De 1.500 línguas indígenas no descobrimento restaram 181, todas ameaçadas, aponta levantamento. *EBC Memória*, 2016. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2016/04/de-1500-linguas-indigenas-no-descobrimiento-restaram-181-todas-ameacadas-aponta>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- ENSINAR HISTÓRIA.** Massacre de Soweto, África do Sul. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/massacre-de-soweto-africa-do-sul/>. Acesso em: 12 set. 2024.

ETHNOLOGUE. *About.* Ethnologue, 2024. Disponível em:
<https://www.ethnologue.com/about/>. Acesso em: 8 out. 2024.

FORECK, Kári Lúcia; BRUXEL SPOHR, Marlene Isabela; BUBLITZ, Grasiela Kieling. LINGUAGENS: múltiplos olhares, múltiplos sentidos. v. 2, 2015.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. LINGUAGEM DA INTERNET: um meio de comunicação global. Jan. 2004. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/242249190_LINGUAGEM_DA_INTERNET_um_meio_de_comunicacao_global. Acesso em: 4 ago. 2024.

GEARY, Patrick. The origins of ethnic nationalism in Europe. Disponível em:
https://www.sussidiarieta.net/files/contenuti/3402_1651850296_48kzcswx40.pdf.
Maio de 2022. Acesso em: 21 out. 2024.

GOOGLE. Google Tradutor adiciona mais de 100 idiomas e faz sua maior expansão até hoje. *The Keyword*, 2023. Disponível em:
<https://blog.google/intl/pt-br/produtos/google-tradutor-adiciona-mais-de-100-idiomase-faz-sua-maior-expansao-ate-hoje/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *População indígena: Censo Demográfico 2010.* Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em:
https://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/folder_indigenas_web.pdf. Acesso em: 25 set. 2024.

JAMES, Jessica. Language, Culture and Power: a critical survey of the issues. *Journal of the Association for the Study of Language and Society*, 2007. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/5/article/25449/pdf>. Acesso em: 5 ago. 2024.

RIBEIRO, D. POLÍTICAS DA UNESCO PARA LÍNGUAS AMEAÇADAS. *Linguística, Literatura e Ensino*, v. 2, p. 211-216, maio 2007. Disponível em:
<https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/12>. Acesso em: 2 set. 2024.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas brasileiras. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 14 jul. 2024.

RODRIGUES, Aryon. Linguista defende preservação de línguas indígenas para manter cultura. *Jornal do Brasil*, 27 jul. 2008. Disponível em: <https://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2008/07/27/linguista-defende-pre-servacao-de-linguas-indigenas-para-manter-cultura.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

SANTOS, Bruno Rodrigues dos; BORGES, Filipe Batista; RODRIGUES, Alessandro Arraes; SOUZA, Hudson Sérgio de. A evolução da tecnologia: vivendo uma nova era. In: **ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA CESUMAR – EPCC**, 11., 2019, Maringá. *Anais eletrônicos...* Maringá: Unicesumar, 2019. Disponível em: <<https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/3699/1/Bruno%20Rodrigues%20Dos%20Santos.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2024.

SIL BRASIL. *SIL Brasil*. SIL Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.silbrasil.org.br/>. Acesso em: 10 out. 2024.

SOARES, D. A globalização numa perspectiva sociocibernética. *Revista Contracampo*, n. 1, p. 17-44, jul./dez. 1997. Mestrado da UFF.

THE GUARDIAN. Language extinction: the end of a culture. 15 abr. 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/datablog/2011/apr/15/language-extinct-endanger-ed>. Acesso em: 14 out. 2024.

THEIMER, Walter. História das ideias políticas. Traduzido por Dinora Freitas e Sampaio Marinho. Lisboa: Círculo de Leitores, 1977.

UNESCO. Atlas of the world's languages in danger. 3. ed. Paris: UNESCO, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000187026>. Acesso em: 19 set. 2024.

UNESCO COURIER. *Línguas no ciberespaço*. UNESCO Courier, 2024. Disponível em: <https://courier.unesco.org/pt/articles/linguas-no-ciberespaco>. Acesso em: 17 set. 2024.

UNESCO. Discover Languages. Disponível em: <https://en.wal.unesco.org/discover/languages>. Acesso em: 2 out. 2024.

UNESCO. *Plano de Ação Global da Década Internacional das Línguas Indígenas (IDIL 2022-2032): versão resumida*. 2022. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000383844_por. Acesso em: 14 out. 2024.

UNESCO. *World Atlas of Languages*. Disponível em: <https://en.wal.unesco.org/world-atlas-languages>. Acesso em: 10 out. 2024.

UNESCO. World declaration on higher education for the twenty-first century: vision and action. Paris: UNESCO, 1998. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000123609>. Acesso em: 20 set. 2024.

UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. *Relatório global de acessibilidade à internet*. Dado citado em: UM TERÇO da população mundial continua sem acesso à internet. *Estado de Minas*, 12 set. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/09/12/interna_internacional,1560532/um-terco-da-populacao-mundial-continua-sem-acesso-a-internet.shtml#google_vignette. Acesso em: 9 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo é renovada por um novo quadriênio*. SINTER - Secretaria de Relações Internacionais, Florianópolis, 13 set. 2022. Disponível em: [https://sinter.ufsc.br/2022/09/13/catedra-unesco-em-politicas-linguisticas-para-o-multilinguismo-e-renovada-por-um-novo-quadrienio/?lang=pt#:~:A%20C%C3%A1tedra%20UNESCO%20em%20Pol%C3%ADticas,UNESCO%20Paris%20e%20a%20universidade](https://sinter.ufsc.br/2022/09/13/catedra-unesco-em-politicas-linguisticas-para-o-multilinguismo-e-renovada-por-um-novo-quadrienio/?lang=pt#:~:=A%20C%C3%A1tedra%20UNESCO%20em%20Pol%C3%ADticas,UNESCO%20Paris%20e%20a%20universidade). Acesso em: 10 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Cátedra UNESCO.* Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET), Florianópolis. Disponível em: <https://ppget.posgrad.ufsc.br/catedra-unesco/>. Acesso em: 10 out. 2024.

